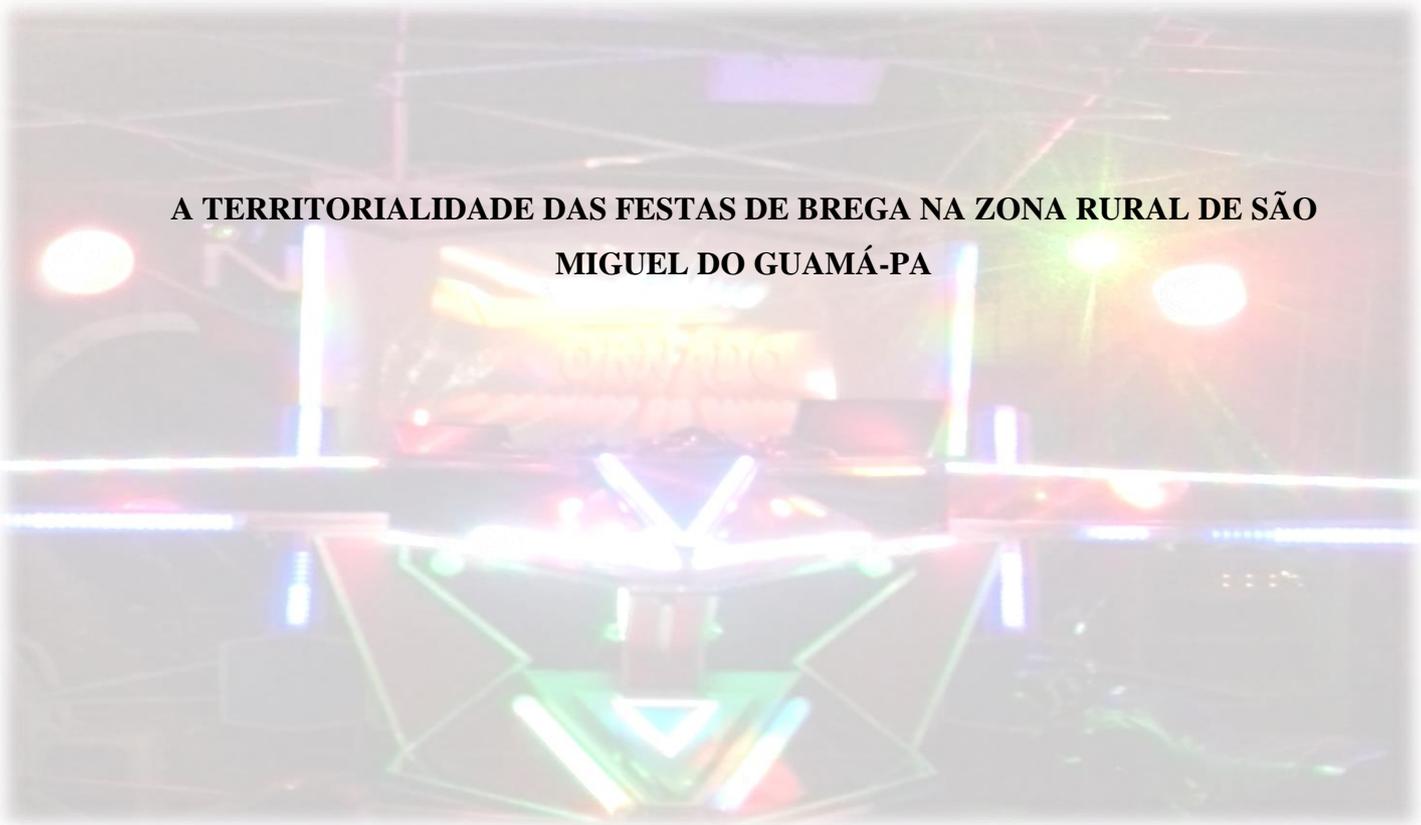




UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA

**A TERRITORIALIDADE DAS FESTAS DE BREGA NA ZONA RURAL DE SÃO
MIGUEL DO GUAMÁ-PA**



Marabá - PA
2015

AILANE TEIXEIRA DE LIMA

**A TERRITORIALIDADE DAS FESTAS DE BREGA NA ZONA RURAL DE SÃO
MIGUEL DO GUAMÁ-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Geografia como requisito parcial para a obtenção dos graus de Bacharel e Licenciatura Plena em Geografia na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará sob orientação de Prof^o. Ms. Hugo Rogério Hage Serra.

Marabá - PA
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA

Lima, Ailane Teixeira de

A territorialidade das festas de brega na zona rural de São Miguel do Guamá-PA / Ailane Teixeira de Lima; orientador, Hugo Rogério Hage Serra. — 2015.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Licenciatura em Geografia, Marabá, 2015.

1. Territorialidade humana – São Miguel do Guamá (PA). 2. Geografia humana. 3. Festas dançantes. 4. Música - Aspectos sociais. I. Serra, Hugo Rogério Hage, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 307.72098115

AILANE TEIXEIRA DE LIMA

**A TERRITORIALIDADE DAS FESTAS DE BREGA NA ZONA RURAL DE SÃO
MIGUEL DO GUAMÁ-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Geografia como requisito parcial para a obtenção dos graus de Bacharel e Licenciatura Plena em Geografia. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará sob orientação de Prof^o. Msc. Hugo Rogério Hage Serra.

Data de Aprovação: ___/___/_____

Banca Examinadora:

Prof^o. Ms. Hugo Rogério Hage Serra (orientador)

Prof^o. Ms. Marcos Alexandre Pimentel da Silva

Prof^o. Ms. Michel de Melo Lima

Aos meus pais Bartolomeu de Oliveira Lima e Anete
Teixeira de Lima por compartilharem deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente minha eterna gratidão ao altíssimo DEUS pela misericórdia e bênçãos que derramou em mim. Aos meus pais: a ilustríssima Anete Teixeira de Lima e ao meu Super Bartolomeu de Oliveira Lima que sempre me incentivaram e acreditaram que este momento chegaria, obrigada vivo por vocês. Às irmãs Leilane Lima e Laiane Lima, mesmo longe sempre estiveram comigo e passaram pelas doloridas despedidas que eram compensadas pelos retornos cheios de abraços. Ao meu amado Desivaldo Miranda Barbosa que fez do meu sonho o seu. A ele, minha eterna gratidão.

A querida república PEGEFILE (pedagogia, geografia, física e letras) “Ô” povo animado! Onde tudo se fazia ser motivos de risadas nos divertimos muito, mas houve quem virou noites estudando. Juntos sofremos a ausência dos familiares. Os primeiros semestres foram os mais difíceis, mas superados mediante a certeza de que estávamos “ali” por que tínhamos um objetivo em comum, ou seja, o de nos graduar. Vivemos os melhores momentos que poderíamos viver, mas também obstáculos que serviram para fortalecer nossa amizade. Por tudo que vivemos “Somos uma família!”. Em especial a minha amiga irmã Kátia Regina da qual recebi os melhores conselhos, muito obrigada.

A geofamília 2010 juntos desbravamos novos territórios vivemos momentos incríveis. Destaque para a equipe inseparável que sempre fazia de cada trabalho um aprendizado novo, mas também demos muitas risadas Everton que sempre esteve disposto a me ajudar e as “geoamigas” Paloma Santos a qual admiro pela inteligência e pela pessoa maravilhosa que é. Também à grande amiga Milene Caroline a alegria da turma, pessoa iluminada e a garota que tem a gargalhada conhecida por todos da geografia. Obrigada equipe!

A todos os professores da geografia que levam seu trabalho muito a sério fazendo despertar o senso crítico de seus alunos em especial ao orientador Hugo Rogério Hage Serra que deu orientações que serviram para este trabalho e para a vida e por permitir “este brega na geografia”. Recebam meus agradecimentos.

A todos muito obrigada, o mérito desta conquista é nosso!

“...O território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural.” (HAESBAERT, 2004).

RESUMO

Muito se fala na música brega e nas festas de aparelhagens, principalmente na região norte do País, onde as festas são eventos comuns que ocorrem durante os fins de semana e durante os feriados, tendo um grande público que aprecia estes eventos festivos que, por sua vez, estabelecem territórios e territorialidades das festas de brega. É neste sentido que o presente trabalho busca compreender o como as festas de brega se territorializam na zona rural de São Miguel do Guamá PA, na Comunidade do Ramal Boa Vista, partindo da premissa que as territorialidades as realizadas na zona rural deste município se dão mediante a ação dos sujeitos. Tais constatações foram obtidas por meio da pesquisa de campo, compreendendo desde as primeiras até as atuais festas e, por conseguinte, a formação das territorialidades, sendo estas constituídas mediante a ação dos sujeitos e das relações de amizade que são estabelecidas entre estes, o que leva o público a apreciar e a se fazer presente nestes eventos festivos.

PALAVRAS-CHAVE: Território. Territorialidades. Festas de brega. Zona Rural de São Miguel do Guamá.

LISTA DE SIGLAS

CD- Compact Disc.

DVD- Digital Video Disc.

DJ- Disc Jockey.

SEMMA- Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

SUMÁRIO

TESTANDO O SOM

1. NA BATIDA DA TEORIA SOBRE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE.....	14
2. TERRITÓRIOS(S) E TERRITORIALIDADE(S) DAS FESTAS DE BREGA.....	27
3. É HORA DA FESTA.....	42
3.1 OS PASSES DA PEQUISA.....	44
3.2 O BREGA DAS TERRITORIALIDADES: A BATIDA QUE RETINE NO RAMAL BOA VISTA.....	46
3.3 DAS EQUIPES.....	51
3.4 DA ATUAÇÃO DO DJ.....	52
3.5 A FESTA.....	54
É O FIM DA FESTA.....	64
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICE (S).....	68

TESTANDO O SOM

O cotidiano paraense é marcado por um estilo musical fortemente difundido, principalmente no interior do estado. Segundo Costa (2009), tem se tornado cada vez mais comum ouvir “um brega” seja em casa, na rua; enfim, esse estilo está presente na vida de muitas pessoas que moram tanto nas cidades quanto no campo. É neste sentido que o presente estudo gira em torno das territorialidades das festas de brega na zona rural de São Miguel do Guamá - PA.

A pesquisa parte do seguinte questionamento; Como as festas de brega se territorializam na zona rural de São Miguel do Guamá? Além disso, pergunta-se quais são os sujeitos que participam das festas de brega na zona rural de São Miguel do Guamá e quais suas estratégias de territorialização?

A escolha da zona rural do município e mais precisamente da Comunidade Boa Vista, se deu pelo fato que havia a hipótese de que as territorialidades das festas da zona rural se dão mediante a ação dos sujeitos e a comunidade citada foi escolhida por se destacar (não que não existam outras) entre as demais, mas é que a quantidade de festas nesse lugar é intensa e além de existir duas aparelhagem *in loco*, também aparelhagens de outros municípios tocam nas festas nessa comunidade. Assim, as festas realizadas nessa comunidade ou, propriamente, como elas se reproduzem no território, e o resultado disso (suas territorialidades) seria o objeto de estudo, sendo seu objetivo compreender as territorialidades desenvolvidas pelas festas de brega na zona rural do município de São Miguel do Guamá - PA.

Para entender os territórios são consideradas as questões simbólicas existentes entre o homem e o meio e suas significações, algo que Claval (2002) utiliza na tentativa de compreender a importância dos símbolos. No caso do brega, conforme Costa (2009), os símbolos estão presentes nos territórios do brega, pois os sujeitos, ao mesmo tempo que se materializam delimitando e exercendo poder sobre seu território, eles também são identificados pelos movimentos gestuais, pela dança, ou seja, pelas suas significações, entendendo que na festa reproduzem-se momentos distintos e para entendê-los as contribuições de Haesbaert e Araújo (2007) são importantes, pois as festas podem ser compreendidas como um momento de consenso, mas também de conflitos.

Alguns instrumentos de pesquisas foram fundamentais na busca da compreensão de como o brega se reproduz na zona rural de São Miguel do Guamá. As entrevistas semiestruturadas e formulários foram aplicados com o intuito de conseguir o maior número

possível de entrevistados para melhor compreender a dinâmica das festas e obter diferentes visões referentes a elas a partir de quem as frequenta. Para tanto, foram selecionados, a princípio, os sujeitos que seriam entrevistados, dentre eles DJs, equipes, proprietários de aparelhagem, e o público que estavam nas festas; sendo este último tanto do interior quanto da cidade. Foi necessário “buscar” mais sujeitos¹ para obter mais informações, por isso foram entrevistados durante as festas, porém, os DJs e alguns integrantes de equipes foram entrevistados em suas residências pelo fato do público ser grande e o DJ, neste momento, está trabalhando. Como as equipes estavam na maioria das festas e já possuíam um vínculo maior com elas, optou-se por entrevistá-las fora da festa, porém, as equipes sempre auxiliavam no momento de abordar as pessoas, pois conhecem o público frequentador do ambiente.

O trabalho foi estruturado em três capítulos. O capítulo I “Na batida da Teoria Sobre Território e Territorialidade” discute os conceitos de território e as territorialidades, embasado em Raffestin (1993) que menciona as relações de poder, principal elemento para explicar território. Souza (2013) é outro autor, que também enfatiza o território como produto das relações de poder. Por sua vez, Haesbaert (2006) aborda as dimensões política, econômica e cultural como dimensões fundamentais na tomada do conhecimento sobre o território e a territorialidade. Esses pensadores são alguns que auxiliam na explicação de como se configuram os territórios e territorialidades do brega.

No capítulo II “Território(s) e Territorialidade(s) das Festas de Brega resalta-se um pouco da história da música brega, tratando mais a fundo dos territórios e territorialidades do brega. Aqui, é enfatizado como são apresentados tais territórios e as ações dos principais sujeitos responsáveis pelas territorialidades na comunidade dos quais fazem parte, sendo eles: equipes ou fã-clubes, DJs, festeiro, a mídia, empresários e público.

O Capítulo III denominado “É Hora da Festa”. Evidencia-se a materialização do que foi discutido anteriormente, isto é, neste capítulo apresenta-se a análise dos dados colhidos na pesquisa de campo realizada na comunidade do Ramal Boa Vista fazendo uma abordagem das primeiras até as atuais festas nesta Comunidade.

Em seguida, trata-se do brega das territorialidades com ênfase na “batida” (som) que retine² no Ramal Boa Vista, explicitando o percurso histórico da aparelhagem “Tornado”. Após

¹ Que por sua vez, durante as entrevistas alguns entrevistados davam informações (endereço, nome, telefone) de outros, e assim a pesquisa prosseguia. Através de conversas informais e telefonemas foram coletadas informações importantes, vale ressaltar que as pessoas que compõem este universo das festas são pessoas que estão sempre dispostas a darem informações, pois, ficou evidente a satisfação de falar sobre as festas de aparelhagens.

² Essa expressão significa ressoar ou o som que ressoa ou reverbera em um ambiente.

isso, é feita a descrição da ação dos sujeitos observados nas festas evidenciando sua comunicação e contato com o DJs antes, durante e depois da festa e como ocorre o processo para a realização desta, sendo apresentados através de gráficos alguns dos resultados obtidos; fotos, figura que facilitam compreender a espacialidade das pessoas no terreirão da festa e mapas mostrando o fluxo de pessoas de outros municípios que frequentam as festas da zona rural de São Miguel. Por fim, o uso do mapa de localização das aparelhagens na zona rural do presente município é outro instrumento geográfico importante na análise desse tema.

Tema este que é importante, pois, permite que se compreenda a dinâmica das festas e fazer uma análise das festas de brega longe de preconceitos, mas uma análise crítica que permite que se compreenda a festa em sua magnitude elencando os responsáveis pelas territorialidades das festas de brega na zona rural de São Miguel do Guamá. Enfim já se ouve a batida do brega isso significa que a festa já começou, então é hora da festa.

1 NA BATIDA DA TEORIA SOBRE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

As festas de brega são bastante comuns na região Norte do País e é considerado um estilo de música popular construída nas periferias de Belém que posteriormente se expandiu por todo o Estado do Pará. Sua intensidade se dá com maior relevância em alguns pontos denominados de “territórios do brega”, Costa (2009) e suas territorialidades que são compreendidas a partir dos sujeitos das festas de brega.

É necessário, desta maneira, compreender o que é território e territorialidade. O território pode ser entendido por meio da conquista, influência e das relações sociais nele estabelecida e não apenas como espaço geográfico, mas considerando a perspectiva simbólica. Já territorialidade é a tentativa de atingir, influenciar e/ou controlar as pessoas, isto é, fenômenos relacionados à delimitação e a afirmação de controle de uma área, a qual se dá o nome de território, uma vez que, conforme Ruckert (2007) ao tomar posse de um determinado território o sujeito estaria expandindo domínio e exercendo controle e ordem sobre ele.

Na tentativa de se apropriar do território com o intuito de controlá-lo, bem como de exercer influência sobre este, é que as festas de aparelhagens ganham importância, pois fazem seu “nome”, ou seja, conquistam seu público, o seu território para, a partir de então, exercerem suas territorialidades.

De acordo com as ideias de Ratzel (1974) território está ligado ao Estado e constitui um espaço concreto e definido pelo solo, haja vista que este espaço é apropriado por um grupo que irá desenvolver afetividade com o território, assim, não se trata meramente de aspectos economicistas em que o território é visto pelo âmbito do lucro, mas por relações de sobrevivência no qual se desenvolve o sentimento de pertencimento e afetividade.

Souza (2013) discorda dessa definição de Ratzel, pois, ele “coisifica” a ideia de território, além de não ter explicado mais a fundo o conceito.

Devemos estar ciente de que, em Ratzel o termo *território*, por isso mesmo, não possui o *status* de uma categoria científica com características próprias. O termo *Territorium* é usado com parcimônia na *Politische Geographie*, e, quando ele é usado, se refere a um recorte político-espacial que praticamente se confunde com o *Boden*, com o solo, esse fator de “coerência material do Estado” ___ e que era verdadeira pedra angular do discurso ratzeliano. Em outras palavras, ele não explorou e desenvolveu propriamente um conceito de *território* plenamente individualizado. (SOUZA 2013, p. 94, grifo do autor).

Neste sentido, o que se percebe é que Souza (2013) “poupa” usar o termo território e quando utiliza refere-se a um recorte político-espacial. Porém, ao mencionar o “território do brega”, procura-se trabalhar enquanto território no sentido de poder, conquista e influência não apenas como espaço geográfico.

As territorialidades das festas de brega se enquadram no que ressalta Raffestin (1993) quando afirma que o território é a base e produto das relações, ou seja, todos os atores se apropriam do espaço. Assim, DJs, casas de festa, a mídia em geral, cantores, compositores, vendedores ambulantes, público consumidor, equipes, aparelhagens e o festeiro são os sujeitos que promovem as territorialidades do brega e se apropriam deste território de acordo com suas finalidades.

Desta maneira, a forma com que o DJ se apropria do território e o significado que este território tem para este sujeito não é o mesmo para o dançante que vai para a festa, em sua maioria, para se divertir enquanto para o DJ é seu trabalho e/ou diversão. Assim como o indivíduo se apropria do território de maneiras distintas também ele se dá de diferentes formas podendo ser estático, mas também da mobilidade de acordo com Haesbaert (2006):

O território, enquanto relação de apropriação e/ou domínio da sociedade sobre o seu espaço, não está relacionado apenas à fixidez e à estabilidade (como uma área de fronteiras bem definidas), mas incorpora como um de seus constituintes fundamentais o movimento, as diferentes formas de mobilidade, ou seja, não é apenas um “território zona”, mas também um “território-rede”. (HAESBAERT, 2006, p.118, grifo do autor).

Para o referido autor o território integra todos os âmbitos da sociedade podendo ser delimitado, além disso, o território pode ser fluido, ou seja, quando nele existem fluxos e movimentos. Assim, pode-se afirmar que é no território que as relações se desenvolvem, sejam elas relações de poder ou não. Vale frisar que as territorialidades desenvolvidas no território podem corresponder às relações de poder, conflitos ou de afetividade podendo ser o “território zona” que é aquele fixo e definido e o “território-rede” onde os sujeitos se movimentam e/ou se articulam formando os territórios culturais.

Ainda em se tratando de território, Moraes (2005), afirma que:

O território é uma materialidade terrestre que abriga o patrimônio natural de um país, suas estruturas de produção e os espaços de reprodução da sociedade (lato sensu). É

nele que se aloca as fontes e os estoques dos recursos naturais disponíveis para uma dada sociedade e também os recursos ambientais existentes. É nele que acumula as formas espaciais criadas pela sociedade ao longo tempo (o espaço produzido). Tais formas se agregam ao solo onde foram construídas, tornando-se estruturas territoriais, condições de produção e reprodução em cada conjuntura considerada. (MORAES, 2005, p.43).

Assim como Haesbaert (2006), Moraes (2005) menciona que o território é onde as relações sociais acontecem ao longo do tempo, ou melhor, constitui o espaço produzido pelas relações sociais, sendo este entendido a partir do espaço e da sociedade. Logo, é essa estrutura que permite a produção e reprodução da sociedade, ou seja, o território onde as relações se desenvolvem.

Haesbaert (2006) trabalha o território levando em consideração o Estado, mas não exclusivamente, ou seja, estuda todas as escalas atentando para as desigualdades socioespaciais, contrapondo o que propõe Moraes (2005) que enfatiza o Estado invisibilizando os outros sujeitos que também ordenam o território, mas assemelham-se em mencionar o Estado como principal sujeito que o define.

Entretanto, o poder que é atribuído ao território ocorre no sentido de dominar e/ou influenciar outros grupos, as características geográficas são importantes para entender a gênese do território, compreendendo ainda que o verdadeiro motivo é o exercício de poder de quem vai dominar e de quem será dominado neste território. Para Souza (2008).

‘O poder’ é sempre, a habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está no “poder”, estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se essa pessoa revestida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (*potestas in populo*, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, “o seu poder” também desaparece. (...) (ARENDETT, 1985, p. 24 *apud* SOUZA, 2008, p.80, grifo do autor).

Mediante o que está acima citado, percebe-se que o território está intimamente ligado ao poder e que este só existe quando representa um grupo unido, haja vista que se o território termina o poder conseqüentemente acaba. Além disso, para o referido autor os motivos pelos quais se desejam conquistar ou defender o território é que podem ser de cunho político, econômico e cultural.

Neste sentido, o que uma aparelhagem faz é uma representatividade daquele que representa um grupo, pois as territorialidades das festas de brega só acontecem pelo fato de ter

um grupo, ou seja, o público que as segue nas festas. O que, por sua vez, demonstra esse “poder” que as aparelhagens possuem, os fã-clubes são um exemplo deste público que, na maioria das vezes, usam este território do brega para se divertirem.

O uso do território se dá de acordo com os motivos que desejam conquistar, com funcionalidades distintas dependendo do sujeito. Souza (2013) exemplifica esses diferentes usos quando durante o dia uma praça pode ser frequentada por famílias e este mesmo território, durante a noite, passa a ser frequentado por prostitutas e travestis, percebe-se a multiplicidade de usos do território que conseqüentemente ocasionam territorialidades diferentes.

Souza (2013) ressalta, ainda, que o território se desloca constantemente ou se desfaz e refaz regular e continuamente, permitindo classificá-los de acordo com o que se queira enfatizar, se é mais interessante vislumbrar a questão econômica, simbólica ou de poder, assim o território com diferentes usos geram territorialidades diferenciadas.

Tais territorialidades se dão no momento em que os sujeitos se apropriam do território do brega, para o DJ, proprietários de aparelhagens, festeiros, vendedores, dentre outros, a festa pode ser compreendida como momento de diversão, mas também de trabalho e mais, as equipes e o público em geral que frequentam as festas vão no intuito de “ver os amigos” ou somente para dançar esses são exemplos de diferentes usos dos territórios que geram territorialidades distintas. Quem dança vai exercer territorialidade diferente de quem vai somente para beber ou do DJ que vai trabalhar promovendo entretenimento a todos.

Estes diferentes usos do território e sua formação possibilitam a existência do território contínuo e descontínuo; o contínuo é onde há maior estrutura espacial, o descontínuo são apenas pontos espalhados, como enfatiza Souza (2008).

[...] o território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos adimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna desses nós, ao passo que, a escala do *território contínuo*, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura espacial interna precisa ser considerada. (SOUZA, 2008 p.93).

De acordo com o autor:

A complexidade dos territórios-rede, articulando, interiormente a um território descontínuo, vários territórios contínuos, recorda a necessidade de se superar uma outra limitação embutida na concepção clássica de território: a *exclusividade* de um poder e relação a um dado território. (SOUZA, 2008, p.94).

Logo, o que se percebe é que existem momentos distintos no mesmo território, ou seja, seus diferentes usos que marcam diferentes temporalidades. Haja vista que o território pode ser alterado e apropriado por um grupo criando relações de identidade por meio das temporalidades, já que um grupo não pode ser pensado sem o território, pois, sua identidade socioespacial está diretamente articulada a este.

No território ocorrem alterações, o mesmo acontece em seus limites já que as fronteiras podem ser modificadas, sendo um território móvel onde os limites são instáveis, mas possuem durabilidade e as territorialidades mudam, podendo durar anos ou dias.

O circuito bregueiro, por exemplo, evidenciado por Costa (2009) pode ser entendido como território móvel com limites instáveis, as festas de brega possuem territórios fixos e móveis, pois existem as casas de festa ou os terreirões de brega, onde cada aparelhagem possui a sua para realização de festas próprias. Há também as aparelhagens que rompem fronteiras, ou seja, as que não se limitam às suas “casas de festas” e tocam em outros municípios e comunidades.

Souza (2008) ressalta diferentes exemplos de territorialidades, incluindo a das temporalidades, na qual há apropriação de espaços e reprodução de costumes diferentes aos dos espaços que estão sendo territorializados. Outra territorialidade, é a do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, que vai ao encontro do que se é pensado para essa realidade, pois existem dois territórios comandados por uma facção e entre estes territórios há os territórios inimigos, ou seja, aqueles que pertencem à outra facção, assim, ocorre um emaranhado de nós sobrepostos ao espaço, formando território-rede em disputa da área econômica, sendo esta chamada de territorialidade de baixa definição, a de alta definição será quando uma facção expulsar a outra ou se ambas entrarem em acordo, estabelecendo o pacto territorial Souza (2009).

Este último exemplo se aproxima das festas de aparelhagens, no sentido de que cada uma tem seu território, mas acontece de uma ir tocar no “território inimigo/alheio”, ou seja, de outra aparelhagem. É comum duas ou mais aparelhagens se unirem para fazerem festas em cidades que não seja a sua de origem, podendo mencionar que ocorre o pacto territorial, onde ambas se unem para a realização da festa e atraem público de aparelhagens distintas na mesma festa, pois, se juntam pela satisfação que seu público apresenta em acompanhar sua aparelhagem preferida e o gosto pela música brega.

Existem também alguns fã-clubes que entram em confronto ao encontrarem outros de outras aparelhagens, pois estes se espelham muito nas suas respectivas aparelhagens e se estas se mostram unidas isso irá refletir no público que as seguem diminuindo os conflitos entre estes.

Estas são as territorialidades diferentes exercidas por sujeitos diferentes. Nesse aspecto, Souza (2008) afirma que:

A territorialidade, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, de acordo com o que se disse há pouco, *relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial*. As territorialidades, no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmica etc.: para exemplificar, territórios contínuos e territórios descontínuos singulares são representantes de duas territorialidades distintas, contínua e descontínua. Seja como for, é obvio que, ao falar de territorialidade, o autor deste artigo tem em mente é um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos *mediatizada* pelo espaço. (SOUZA, 2008 p. 99, grifo do autor).

As territorialidades dependem dos sujeitos que as realizam, pois, possuem relações diferentes com o território, são as “singularidades” mencionadas por Souza (2008) que diferenciam as territorialidades. É neste contexto que as territorialidades das festas de brega vão se diferenciando, pois, cada uma utiliza estratégias diferenciadas para se territorializarem.

Diante dessas diferentes formas e estratégias que os sujeitos utilizam para se territorializarem é que Souza (2008) menciona Ratzel (1974) em seu trabalho, pois para Ratzel a territorialidade é a do Estado Nação, enraizamento e de amor à pátria, mas tudo relacionado com o solo. Souza (2008) contrapõe a ideia de Ratzel, por afirmar que para além da relação com o solo existem as relações sociais de diferenças e complexidade entre e/no interior dos grupos, pois cada um possui particularidades que entram em conflitos ao se depararem com outras.

Diferente de Ratzel(1974), Souza (2008) trabalha com territorialidade de maneira mais ampla, para ele pode-se trabalhar de forma mais abrangente e crítica, não que haja necessidade de separar territorialidade da política e da questão cultural visto que esses aspectos são de suma importância, no entanto, precisa-se enfatizar que o território é entendido como campo de forças, uma vez que dentro deste existem diferentes pontos: as “teias” ou “redes”.

Conforme Souza (2008), para que se tenha território, precisa não necessariamente, haver essa relação de enraizamento como proposto por Ratzel. As territorialidades podem ser flexíveis e terem tempo indeterminado como proposto a seguir:

Território, são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (os quais são apenas substratos materiais de territorialidades) (...), podem,

(...)formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis, ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos__ e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo. (SOUZA, 2008, p. 87).

O território é produto das relações, podendo se desfazer e refazer, mas o substrato espacial mesmo diante de modificações continua sendo o mesmo, ou seja, quem faz o território são as relações que nele se estabelecem. O território das festas de brega podem também se desfazer, ser refeito e se reafirmar; este último é comum em se tratando de aparelhagem, pois, quando modificam suas estruturas investindo em novos adornos (telões, iluminação e sistemas de som), a aparelhagem continua com o mesmo nome, mas acrescenta na magia³ o que mais se destaca em sua nova estrutura.

Outro exemplo está na aparelhagem Tornado, que é uma aparelhagem de pequeno porte localizado na comunidade do Ramal Boa Vista, zona rural de São Miguel do Guamá, atualmente é destacada a magia do som “Novo Tornado, o fenômeno da galera”, este “novo” atrai o público que já segue esta aparelhagem, e mais, o público novo que é atraído pela novidade. Dessa forma, essa aparelhagem reafirma sua territorialidade naquela comunidade.

Nas territorialidades das festas de brega são as relações internas e externas que as formam. As relações externas são aquelas referentes ao festeiro e as internas são aquelas que ocorrem durante a festa, tais como a interação do DJ com o público, da dança, o flerte, são estas relações que dão sentido às territorialidades.

Outra questão que se pode afirmar na interpretação do território do brega é quando se verifica a “perda” do território. Na prática conforme Haesbaert (2006) quando há a “perda” do território – desterritorialização, concomitantemente ocorre a re-territorialização, que é a conquista de um território, e menciona ainda que existem os territórios onde suas fronteiras por mais definidas que estejam, não foram estabelecidas pelos sujeitos pertencentes, este território é controlado por outros, isto pode ser entendido como desterritorialização, mas não representa a perda do território, haja vista, que esta é condição para um novo território.

A desterritorialização revela uma categoria de análise e compressão do tempo-espço, por meio da mobilidade e da fixidez, assim não ocorre por completo esse fenômeno. Quando o

³ Espécie de *slogan* que ressalta o que a aparelhagem possui podendo ser sistema de som, iluminação e etc., ou algo que a caracterize.

sujeito se desterritorializa ocorre a reterritorialização, não havendo a perda espacial já que o território é constantemente construído.

Em se tratando das aparelhagens, ocorre a desterritorialização que por algum motivo, estas têm que se deslocar do seu território e ir para outra cidade ou comunidade, logo, terão que se reterritorializar, ou seja, afirmar novo território que pode ter características do antigo. É preciso levar em consideração os fatores que levam um grupo a se mobilizar, podendo ser fatores econômicos, ecológicos ou de controle do território. No caso das aparelhagens o fator econômico e o controle de território é o que faz com que elas se desterritorialize, pois, quanto maior o número de festas maior será também o retorno financeiro.

A territorialização segundo Haesbaert (2006), enquanto meio de sobrevivência, tem como objetivo a reprodução familiar, é o caso dos indígenas e agricultores, isto é, estes grupos possuem uma relação simbólica com o território. Para este autor, a mobilidade não significa, necessariamente, desterritorialização, bem como a imobilidade não significa territorialização, em virtude do contexto ao qual se vive – a globalização é preciso um motivo para que ocorra a desterritorialização, pois, o simples fato de sair de um território não é o suficiente para explicá-la.

Os territórios também podem ser impostos, isto ocorre quando determinado grupo é obrigado a permanecer ou a sair de um espaço, ou melhor, quando se perde o controle e a mobilidade no seu espaço. Para Haesbaert (2006).

É interessante como podemos perceber mesmo uma inversão de processos: enquanto antes “territorializar-se” envolvia definir fronteiras e controlar espaços contínuos, bem delimitados, agora estas delimitações e fixações podem representar mais “desterritorialização” do que territorialização. Nossos territórios são construídos mais no movimento e na descontinuidade do que na fixação e na continuidade. Quem não participa dos movimentos “globais” e se situa numa condição mais “móvel” __ ou numa mobilidade insegura e “sem controle” __ pode estar mais vulnerável a desterritorialização. (HAESBAERT, 2006, p. 252, grifos do autor).

E mais,

O que importa aí é quem delimita ou controla o espaço de quem, e as consequências deste processo. Neste caso, deter o controle seria territorializar (-se). Perder o controle seria desterritorializar (-se). Quando somos nós que definimos o território dos outros, de forma imposta, eles não estão de fato se territorializando, pois ser “territorializado” por outros, especialmente quando completamente é contra nossa vontade e sem opção, significa desterritorializar-se. Assim, “reterritorialização” implica um movimento de resistência __ à desterritorialização imposta pelo movimento de territorialização comandado por outros, ou seja, eu posso “delimitar” meu território simplesmente através da delimitação do território do outro. Neste sentido, mesmo com uma

“territorialização” (física) aparentemente bem definida, o outro está de fato desterritorializado, pois não exerce efetivo domínio e apropriação de seu território. (HAESBAERT, 2006, p. 262-263, grifos do autor).

Nesse sentido, fica evidente que território e territorialização variam de acordo com quem domina, sendo que ao se delimitar um território simultaneamente se estará delimitando o do outro e a reterritorialização pode ser entendida como uma forma de resistência à desterritorialização. Logo, território, territorialização e desterritorialização são definidos por quem domina e por quem é dominado.

A grande questão é ter controle sobre pontos, linhas e redes e não mais ter controle de zonas e fronteiras ou dos “territórios-zona”, visto que, o território não mais se caracteriza pelo que está definido por um grupo de pessoas.

Contudo, manter controle somente dos territórios fixos e definidos não é o suficiente, mas deve-se manter controle de massa e de corpos individualizados, segundo Haesbaert (2006), a ideia de território não está atrelada meramente ao estático, mas que é possível identificar o território no/pelo movimento.

O circuito bregueiro que é mencionado por Costa (2009), mostra que os territórios das festas de brega não possuem apenas territórios fixos, uma vez que o circuito já remete a ideia de movimento atrelado ao “controle de massa” proposto por Haesbaert (2006), tendo em vista que o intuito de tais festas é “arrastar multidões”, pois, o que faz as territorialidades das festas é o público que participa e segue aparelhagens que tocam nas festas de brega.

Essas mudanças que ocorrem na delimitação de território podem ser feitas ao delimitar o território alheio e também pela tecnologia, pois, no atual contexto, definir áreas bem como fronteiras se torna inviável se não levar em consideração as questões simbólicas, onde este símbolo não se dá pelo pertencimento, mas conforme Haesbaert (2006) pela afetividade que se encontra na mobilidade, haja vista, que o referido autor trabalha com o território abordando uma perspectiva integradora, já que menciona tanto fatores econômicos, políticos e culturais.

Assim no território brega, há presença dos fatores enfatizados por Haesbaert (2006) do ponto de vista político estão as relações de domínio de territórios, as aparelhagens constantemente buscam este domínio, bem como econômico, pois, quanto maior o número de festas melhor será para o proprietário, vendedores ambulantes e todos que trabalham na festa como as equipes que percorrem várias festas, do público que dança, dos Djs que trabalham com

satisfação, é desse modo as festas podem ser entendidas como o reflexo da articulação dos sujeitos.

Os fã-clubes, por exemplo, são uma representatividade deste “pertencer” às aparelhagens, eles cantam e dançam qualquer que seja a música tocada pelos DJs nas apresentações, pois são movidos pela satisfação de estar com sua aparelhagem dançando o ritmo apreciado, em geral – o brega. Essa satisfação pela aparelhagem faz do espaço um território a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos, formando os territórios do brega.

Raffestin (1993) pressupõe que o espaço antecede ao território, haja vista que este se dá mediante às relações de poder podendo a partir dele uma vez que o espaço é modificado pelo homem e constituirá um território e não meramente um espaço. O que ocorre é que para o espaço foram projetadas mudanças, ou seja, o poder está enraizado no trabalho, na capacidade do homem em transformar o território por meio do trabalho sendo no território também desenvolvidas relações culturais.

Para tal está o exemplo que enfatiza questão simbólica citado por Raffestin (1993), que menciona as empresas multinacionais americanas nos anos de 1995 a 1975, que por um dado período se instalaram em Genebra e tempos depois migraram para o norte; ele chama de economia “nômade”, pois não adentra as questões regionais. Isso do ponto de vista da empresa é benéfico, porém para a população que está atrelada às profundidades regionais não ocorre essa estabilidade, pois as empresas trazem para os funcionários uma instabilidade, uma vez que estes últimos buscam salários elevados e cargos estáveis, no entanto, esses requisitos não se encaixam no tempo curto das multinacionais. Nesse tempo das empresas não estão presentes questões simbólicas, diferentemente dos funcionários, que buscavam se fixar por possuírem relações de identidade com o lugar. Neste caso, a empresa tem uma territorialidade diferenciada das pessoas que residem e trabalham na empresa.

Na aparelhagem “Tornado” as territorialidades manifestadas, assim como as das pessoas que residem na comunidade não são muito diferentes, o proprietário reside na comunidade, assim como os demais moradores possuem vínculos com o lugar, sua territorialidade, não é “nômade”, mas fixa, podendo ser também móvel, pois é possível que se territorialize para outras comunidades.

Em suma, nota-se que o poder é iminente está no interior da relação. O poder não reside no caráter dominador da empresa que manipularia os dominados; reside em estratégias que combinam códigos diferentes e, de fato, oposto: territorialização *versus* desterritorialização, estabilidade *versus* instabilidade, tempo longo *versus*

tempo curto, espaço concreto *versus* espaço abstrato. (RAFFESTIN, 1993, p. 95, grifos do autor).

Essa instabilidade de quem trabalha e a estabilidade da empresa, enfatizada por Raffestin (1993), acaba gerando conflitos, uma vez que quem trabalha possui relação simbólica que é impactada mediante a mobilidade das empresas. Ênfase seja dada para as estratégias que essas empresas utilizam para “dominar” a população que fica à mercê das exigências, ocorrendo um choque de territorialidades, pois a relação que a população tem com aquele lugar não é somente econômica, o que difere da relação que é estabelecida pelas empresas, predominantemente de acumulação de capital.

Aquela diferença de temporalidade das empresas e dos funcionários se encaixam no tempo da aparelhagem e de quem a aprecia, pois, quando esta é convidada para fazer festa em outra comunidade, a relação da aparelhagem é diferente da que o público tem com o local, o tempo dela é menor e mais econômico, enquanto que do público é de lazer durante a festa e depois é de sobrevivência, já que residem no local do evento.

Porém, o quadro muda quando a aparelhagem se apresenta no seu território, como é o caso da aparelhagem Tornado⁴, que possui o “Terreirão do Tornado” na comunidade do Ramal Boa Vista. No fim de semana, o terreirão desempenha a função de local de festa e durante a semana é simplesmente o quintal da casa do proprietário, ou seja, as temporalidades da festa e de parte do público que frequentam são semelhantes, pois os sujeitos residem e possuem relações simbólicas e também econômicas na comunidade.

É neste sentido que Saquet (2007) menciona Raffestin (1984) em se tratando de melhor explicar as territorialidades que implicam em desterritorialidades, que por sua vez gera uma reterritorialidade.

“(…) a territorialização implica (...) conjunto codificado de relações (...), a desterritorialização é, em primeiro lugar, o abandono do território, mas também pode ser interpretada como a supressão dos limites, das fronteiras (...)”. A reterritorialização (...), pode ocorrer sobre qualquer coisa, através do espaço, a propriedade, o dinheiro etc. (RAFFESTIN, 1984 *apud* SAQUET, 2007, p.78, grifos do autor).

⁴ Nome dado a aparelhagem do Ramal Boa Vista, por ser algo marcante, segundo o Dj da aparelhagem onde o tornado passa deixam marcas, assim, é que ele busca com sua aparelhagem deixar marcas positivas por onde passar.

Percebe-se que, constantemente, essas relações se perdem e concomitantemente outras se constroem, se é que realmente há perda de território. Raffestin (1984) se aproxima do que propõe Haesbaert (2006) quando se trata da delimitação de fronteiras, pois, neste caso, ambos enfatizam que o território pode ser delimitado e modificado, ao passo que as fronteiras são modificadas, ou seja, o território é móvel. A ideia de perda não significa que se deixa determinado território por querer, mas sempre há algo que impele o indivíduo ou um grupo de deixar este território.

A sociedade possui capacidade de modificar o território por meio das relações de poder quando se busca ter posse sobre determinado espaço e que em algum momento alguém será dominado e alguém será o dominador. Essa é a relação lógica, mas ao se reterritorializar levam consigo os mesmos costumes que se colocara em prática no território anterior. Não há, em suma, a “perda”, mas a oportunidade de se reproduzir no novo território com características do antigo. Assim toda territorialização ocasiona uma desterritorialização e esta ocasiona uma reterritorialização Haesbaert (2006).

Raffestin (1993) ainda menciona que o território não está ligado somente a um grupo que pode ser de multinacionais, mas também pode ser a igreja católica, pequenos supermercados, bem como grupos políticos, isto é, se o território pode ser entendido por meio do exercício do poder, então se um grupo exerce poder ele conseqüentemente constrói território e é esse exercício de conquista que se compreende por territorialidade, visto que é a maneira pela qual se assume um território. Acrescenta-se a essa ideia as territorialidades exercidas pelas festas de brega que também constituem um grupo que se territorializa por meio das festas, dos sujeitos e das aparelhagens.

Lembrando que se deve levar em consideração que esse processo de conquista do território abre um leque de questões, pois, no território existem relações sociais incluindo os conflitos e quando o “novo” chega, pode-se considerar nas palavras de Haesbaert (2006) que ocorre uma desordem, porque há uma desestruturação na organização do território, essa nova ordem não deve ser, a princípio combatida, ela pode constituir indícios de um novo ordenamento territorial gerador de conflitos que não representa necessariamente, ordem econômica, podendo ser também de caráter de sobrevivência.

Contudo, a constituição do território se dá de acordo com os sujeitos e com as estratégias por eles utilizadas podendo ter suas fronteiras alteradas, ou seja, é por meio das estratégias de modificação dos territórios que as estruturas da sociedade também se modificam.

Quando se modifica ou controla o território (territorialidade), é quando há uma intencionalidade do grupo que está no poder, intencionalidade esta que leva em consideração os interesses de quem está sendo desterritorializado, sendo que o uso do território não será o mesmo, pois cada grupo usufrui de acordo com sua perspectiva e interesses os quais se desejam alcançar.

Nesse sentido, não se pode desconsiderar que no território existem conflitos, bem como em toda estrutura social, conflitos estes que se dão mediante a fatores políticos, religiosos e sociais que afetam diretamente o coletivo. Portanto, a complexidade do território se dá frente às estruturas políticas que acabam subordinando as questões simbólicas e culturais, logo, as questões relacionadas ao pertencimento são menos importantes para grupos que buscam interesses capitalistas.

Apropriar-se ou controlar, pode ser compreendido como território, onde a relação que vai existir com este espaço controlado pode ser de afetividade ou de conflito. A festa pode representar essas dualidades segundo Haesbaert e Araújo (2007), a festa representa esse conjunto de manifestações, mostrando-se em forma de conflitos e de consenso. Assim, o território da festa apresenta esses momentos distintos existentes na delimitação de qualquer território e territorialidade, visto que existem sujeitos que frequentam festas devido fatores simbólicos (identidades), enquanto outros frequentam por motivos materiais (econômicos), como a venda de bebidas e outros por lazer, de modo a buscar entretenimento e se divertir ao som do brega, mas a festa tem esta representatividade, já que ela é a materialidade da sociedade que é formada por e a partir dos conflitos.

Esta materialidade da sociedade é privilegiada quando se busca compreender a relação dos sujeitos com o território através dos símbolos, dos conflitos, da linguagem e das músicas que traduzem uma realidade, neste caso, o brega que traduz uma cultura de classes populares e de moradores da zona rural de São Miguel do Guamá, e é por meio desta realidade que se pretende compreender os territórios e territorialidades das festa de brega.

2 TERRITÓRIOS(S) E TERRITORIALIDADE(S) DAS FESTAS DE BREGA

Para a efetivação do território é preciso levar em consideração vários aspectos: poder, sobrevivência, símbolos, conflitos, em fim sua cultura, pois, a sociedade irá se organizar de acordo com suas práticas culturais.

Em se tratando das práticas culturais é válido mencionar que as festas de brega refletem a prática cultural de uma parte da população, festas estas que para (COSTA 2009, p.17) “são eventos festivos que conjugam lazer e empreendimento econômico simultaneamente” para este autor as festas conseguem abranger coisas importantes para o indivíduo o lazer e as questões econômicas, isto se materializa no público que vai para se divertir e para o Dj, festeiro, vendedores ambulantes empresários que veem na festa formas de empreendimento que traz lucro já (HAESBAERT e ARAÚJO 2007, p. 69), menciona que “ela apresenta características tanto materiais quanto simbólicas, representando, desse modo, uma das formas de produção de identidade” para ele a festa traz consigo aspectos materiais e simbólicos, no território brega a dança se enquadra como um desses aspectos e possui característica material. Neste contexto, ambos os autores consideram a festa como eventos que apresentam características tanto materiais quanto simbólicas.

Mediante a esta carga simbólica, estão as histórias referentes à origem da música brega, para isto, Costa (2009) ressalta sobre o brega como sendo um estilo musical regional, porém existe preconceito com o ritmo, pois, o brega é visto como música de “mau gosto” e sem conteúdo.

Costa (2009) evidencia que o que alavancou o surgimento do brega teria sido o declínio da Jovem Guarda, ocorrido no final da década de 1970, os cantores que surgiram nessa época tinham resquícios dessa modalidade de música popular. No Pará nesse mesmo período, surge o Primeiro Movimento do Brega que se difundira na década de 1980 por diversos artistas que compõem músicas com letras que sempre mencionam o amor seja pela traição, amor não correspondido ou amor impossível etc. Os representantes desse movimento Beto Barbosa, Juca Medalha e Adelino Nascimento. Vale ressaltar que antes destes, nos anos de 1960, já haviam alguns nomes conhecidos nesse ritmo: Ari Lobo, Osvaldo Oliveira e outros. Esses sentimentalismo estão presente na canção de Osvaldo Oliveira:

“E agora o que é que eu vou fazer em casa, com esta cara de bregueiro
que estou sai de casa sexta à noite hoje é segunda cadê coragem pra

enfrentar o meu amor, que a esta altura deve estar louca me procurando desatinada por que não me encontrou. Toda vez que a gente briga eu vou fazer amor é na sonega por isso me invoquei e fui pro brega buscar o que ela não quis me dar.”

(O que é que eu vou dizer em casa - Osvaldo Oliveira/Ronaldo Marques)

Esta canção demonstra relação amorosa em atrito expressado por meio de traições e outras questões referentes a relacionamentos estas são músicas características das canções do primeiro Movimento Brega em Belém. Mesmo sendo esta uma música ouvida nos bailes da saudade mas que tem semelhança com as festas de brega atuais que também se inicia na sexta feira e vai até a segunda feira.

Este movimento foi enfraquecido, uma vez que dependia das aparelhagens para continuar no mercado e no gosto das pessoas. As aparelhagens, nesse período, eram uma espécie de aparelho com toca discos, onde era um locutor que comandava a festa, hoje esse locutor é conhecido como DJ⁵.

O brega, após cinco ou seis anos (a partir de 1980) de decadência, começa a ressurgir a passos lentos, com uma proposta diferente, batidas caribenhas e letras mais românticas, sendo denominado de brega pop.

Além do Norte do Brasil, o ritmo passou a ir para outras regiões, sendo rebatizado como “brega pop” e um de seus representantes é o cantor e compositor Tony Brasil. Alguns cantores foram descobertos a partir da renovação e o preconceito está com o nome e não, necessariamente, com o ritmo, este muitas vezes rotulado como música “escrachada” ou “falta de cultura”, Costa (2009).

Alguns cantores para conseguirem sucesso em outros estados usavam outras denominações para sua música, embora o ritmo fosse brega e fazia sucesso. O “brega pop”, ganha espaço com letras mais suaves e românticas e tendo a aprovação do público que o denomina como brega, mas a grande questão era como fazer as demais regiões do Brasil aceitarem o nome sem preconceito.

⁵ DJ é uma sigla em inglês que significa *disc jockey*. Originalmente o termo foi criado para retratar o locutor de rádio que tocava música através dos discos.

Não se pode deixar de mencionar que o surgimento do ritmo até os dias atuais, como ressalta Costa (2009), sempre esteve acompanhado das aparelhagens que impulsionaram o desenvolvimento e/ou divulgação do ritmo através das festas de aparelhagens. Surge em meados da década de 1990, o Segundo Movimento do Brega e no final da mesma década, o ritmo chega a todas as rádios e em alguns programas de televisão, mas sendo as aparelhagens as principais divulgadoras da música brega.

Assim como a música, mencionada por Costa (2009), teve suas raízes nas periferias de Belém, também o *rap* enfatizado por Turra Neto (2013) teve suas origens em meio aos jovens que viviam segregados na sociedade, mas possuíam relações de vizinhança com familiares e amigos que se reuniam para ouvir as músicas, que futuramente não se restringiriam somente às áreas periféricas, mas também para a parte central da cidade.

Turra Neto (2013) também ressalta que o movimento *hip-hop*⁶ foi uma tentativa de se contrapor ao “território” que lhes foram “impostos” (margens da sociedade), uma vez que não lhes foram dadas condições para se reproduzirem na área central da cidade, por conta da história mal contada a respeito dos afrodescendentes, logo, as músicas faziam e fazem denúncia às mazelas sociais das quais parte da população enfrentam no dia a dia.

Assim, tanto o *hip hop* quanto o brega são bastante aceitos pelos seus respectivos públicos independente de suas letras variando de cantor para cantor e de grupo para grupo etc. Neste sentido, esse gosto pelo ritmo leva os jovens a transpor os limites territoriais por meio das redes, pois, se conectam com jovens de outros bairros e vão expandindo uma cultura que perpassa as fronteiras, bem como aconteceu com o brega que surge na periferia e se expande no Pará e em outros estados.

Com seu surgimento nas zonas periféricas de Belém, o brega adentrou as áreas centrais da cidade. Como afirma Turra Neto (2013) sobre o *hip hop*, os jovens se reproduzem neste território e assim surgem suas próprias formas de socialização, bem como de produção de suas identidades e surgem nas periferias.

Assim, é possível dizer que a partir da cultura *hip-hop*, jovens conseguem reelaborar localmente a leitura da sua situação socioespacial e construir espaços de autonomia, tanto em relação à estrutura social que lhes impõe identidade e território, quanto ao próprio universo adulto, pela afirmação da sua especificidade juvenil. Ao mesmo tempo, reposicionam-se na cidade e em relação ao jogo de oposições, que lhes confere material para construção identitária. É, nesse sentido, que a adesão ao estilo não pode significar apenas desterritorialização, mas a produção de uma nova territorialização, que transpõe limites do bairro e que conecta jovens de diferentes pontos da cidade,

⁶ O hip-hop surgiu na década de 70 como um movimento cultural entre os latino-americanos, os jamaicanos e os afro-americanos da cidade de Nova York que denunciavam os problemas vivenciados por eles.

em torno do estilo, em uma configuração territorial reticular, cuja escala abarca toda cidade. (TURRA NETO, 2013, p.6).

O brega trata de questões do cotidiano que podem romper as fronteiras dos bairros e chegar à área central e também para outras cidades e estados, abordando, algumas vezes, problemas sociais. O brega, assim como o *hip hop* pode ser entendido como uma “denúncia” dos problemas vividos por quem reside nas áreas periféricas da cidade e ressalta ainda a satisfação de pertencer ao seu local de moradia e as relações de vizinhança são muito fortes.

As festas trazem consigo um aspecto diferente do que proporciona a televisão e as rádios, porque ao invés de apenas ver e ouvir a música brega, as festas proporcionam uma interação direta com o público, com os DJs, casas de festa, mídia, cantores, compositores, vendedores, público consumidor, aparelhagens e o festeiro, como exposto por Costa (2009) são sujeitos fomentadores das territorialidades das festas de brega.

Portanto, as aparelhagens têm importância significativa ante o circuito e a formação dessa territorialidade das festas de brega.

É certo que as aparelhagens não tinham começado *exatamente* naquele momento a divulgar a música brega, por conta de sua antiguidade no cenário das festas locais. A mais antiga aparelhagem de Belém a ser fundada foi o “esplêndido Rubi”, criada em 1952(e ainda hoje existente). Seguindo esse modelo estabelecido pelo Rubi, surgiram diversas aparelhagens em Belém e em cidades paraenses vizinhas à capital, com a estrutura de pequenas empresas familiares de sonorização e especializadas na realização das festas. Ao longo do tempo, as aparelhagens passaram por um longo processo de aperfeiçoamento e de crescimento da estrutura (tanto do equipamento quanto do número de empregados), por conta do surgimento de novas tecnologias de sonorização. Contudo, o modelo fundamental do “som” permanece o mesmo até os dias de hoje, qual seja: uma unidade de controle com mesa de som, duas ou mais caixas de som altas e com potentes alto-falantes e um controlador do equipamento chamado hoje de DJ (DiscJockey). (COSTA, 2009, p. 29-30, grifos do autor).

Percebe-se que o papel desempenhado pelas aparelhagens ocorre desde muito tempo, assim é indiscutível sua importância para a formação das territorialidades das festas de brega. Vale frisar que algumas destas surgem no seio familiar em festas de vizinhos, reuniões de família e que sempre tem um som vai aumentando sua estrutura até tornár-se uma aparelhagem propriamente dita, este pode ser um dos motivos pelo qual a maioria das aparelhagens tem se formado a partir da parceria entre pai, irmãos, primos e etc.

A questão simbólica proposta pelas festas mostra que tanto para os proprietários quanto para o público que é cativado pelas músicas, remetem letras do cotidiano, além de serem letras de fácil compreensão (que até mesmo quem não gosta de brega de tanto que se ouve acaba

aprendendo a letra de algum) que durante a festa são comandadas pelo DJ, que o tempo todo dialoga com o público tocando “as mais pedidas⁷” como consta no gráfico abaixo.

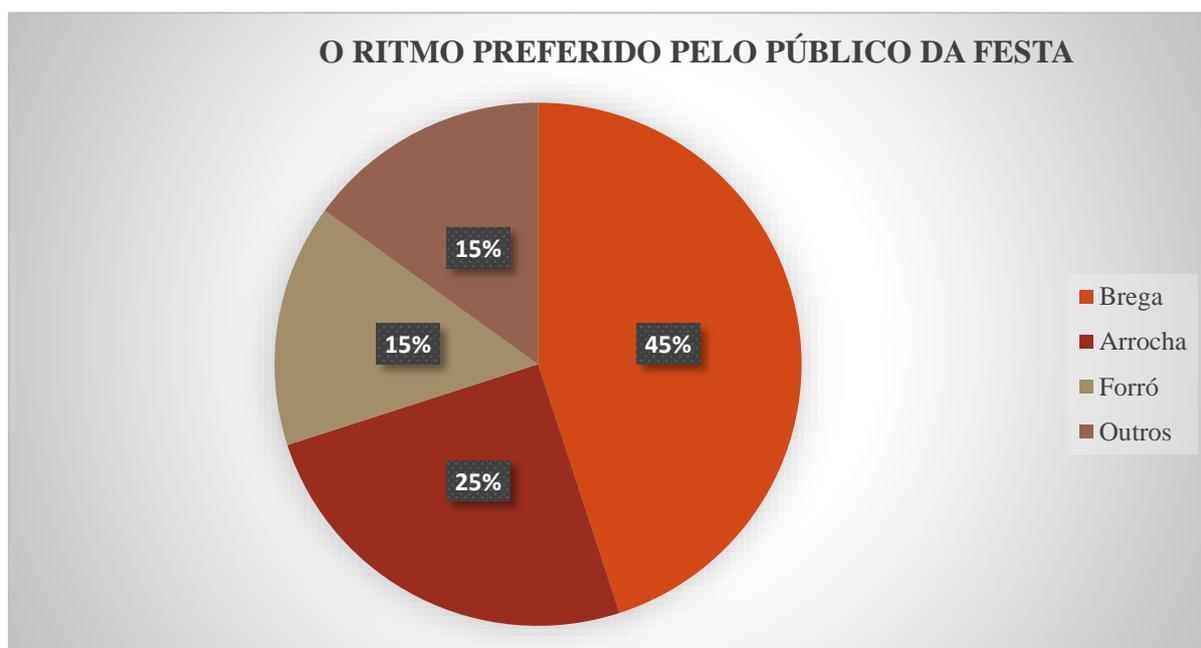


Gráfico1: Ritmo preferido pelo público

Fonte: LIMA, 2015.

Comentário: O gráfico mostra os ritmos preferidos pelo público na festa.

Mediante os dados colhidos no momento da festa em relação ao ritmo que o público prefere 45% (quarenta e cinco por cento) prefere o brega o segundo ritmo é o arrocha⁸ em seguida estão forró e outros ritmos, isso demonstra que de fato o brega exerce sua territorialidades, pois, a maioria do público da festa preferem o brega.

Os sujeitos que são responsáveis pelas territorialidades das festas de brega trabalham em conjunto e tem como produto maior a representatividade desta territorialidade. Entre esses sujeitos está a mídia que tem o papel de propagar a música e a *internet* que facilita o acesso e a circulação das músicas que ultrapassam fronteiras.

O anúncio das festas por meio das rádios, carros som e faixas que ajudam a divulgar e a atrair o público para as festas, cada vez mais são apreciadas, isso se dá devido à paixão que muitos paraenses possuem pelo ritmo. E para trazer o público até as festas as aparelhagens os

⁷ São as músicas mais pedidas pelo público durante as festas.

⁸ Ritmo parecido com brega, porém com batidas mas lentas e letras ressaltando desilusões amorosas.

investem em elementos midiáticos de última geração, como telões sofisticados, iluminação e os bregas que estão fazendo sucesso e também lançam outros.

Costa (2009) afirma que o brega não se restringe somente à periferia, mas que vai ao longo da história completando o circuito que vai da periferia ao centro da cidade.

A impressão oferecida pela mídia local referente ao crescimento e aperfeiçoamento das aparelhagens, à expansão e a popularização das casas de festas de brega e à ascensão do empreendimento musical (envolvendo gravadoras, produtoras e artistas) é a de um processo de conquista que se movimenta historicamente da periferia para o centro da cidade. Depois para as cidades do interior do estado e para outros estados da Região Norte. (COSTA, 2009, p. 35).

Em se tratando de circuito, pode ocorrer o movimento inverso, ou seja, do interior para a cidade. Costa (2009) afirma:

Nas cidades do interior do estado é muito frequente a realização de shows de brega e apresentações de aparelhagens em momentos importantes festejos locais ou mesmo pela iniciativa de empresários bem-sucedidos de casas de festa. Essas apresentações são fonte de renda considerável para o artista e aparelhagens, já que são eventos em que se paga um cachê maior do que o obtido em Belém, considerando questões como distância, popularidade aparelhagem e/ou do artista, transporte da aparelhagem e/ou dos elementos da produção do *show*. O movimento inverso, do interior para a capital, é possível, porém o estabelecimento do artista interiorano ou da aparelhagem em Belém, representando o alcance de um degrau na direção de seu sucesso. (COSTA, 2009, p. 36).

O percurso das festas não se restringe à capital, são comuns a realização destas no interior da cidade de São Miguel do Guamá, pois as festas realizadas na zona rural têm como frequentadores um público local e o que se desloca da cidade para o interior.

De acordo com que Costa (2009) propõe, é perceptível que tanto o ritmo quanto as festas de brega cada vez mais se popularizam e conseqüentemente, se territorializando não somente nas periferias, mas também nos centros urbanos e no interior do estado. Essas territorialidades podem ser alcançadas por meio dos investimentos feitos nas aparelhagens com o intuito de cativar o público que gosta de novidades como iluminação, telões, efeitos especiais etc. A festa representa o momento de lazer e também de questões simbólicas que são fatores importantes para essa territorialidade que vai sendo tecida aos poucos pelos sujeitos.

Assim, ocorre a popularização das aparelhagens que quanto mais conhecida, maior será o valor da contratação, uma vez que a contratação da aparelhagem como bem enfatizado por Costa (2009) “é medida pela força de atração do público”.

O brega possui, portanto, sentido multifacetado localmente (música para o consumo, eventos ligados ao lazer, evocação de identidade regional, etc.), articulado ao modo de vida das classes populares: nos padrões de comportamento familiar, entre vizinhos e amigos, em relação amorosa, em problemas trivialidades da vida cotidiana, nas festas típicas e momentos rituais, nas questões de trabalho e de lazer, etc. Basta observar as letras de muitas canções. (COSTA, 2009, p.46).

O autor conclui:

O fato é que o produto final dessa “indústria cultural local”, por conta de sua ligação histórico-cultural, apresenta reverberações notáveis do “universo popular belenense”, ao mesmo tempo em que o público se reconhece nessas canções ou, pelo menos, percebe sua autenticidade/legitimidade. (COSTA, 2009, p.46, grifos do autor).

É perceptível identificar a questão simbólica presente no contexto das festas, no que se refere ao público este se identifica com as letras das músicas, ocorrendo uma sintonia das letras que retrata o cotidiano dos próprios sujeitos. Esta sintonia, por sua vez, acaba se tornando uma estratégia para atrair o público para as festas, isso proporciona uma interação entre a aparelhagem e público tendo como produto desta interação, as festas.

Magnani (2003) menciona a verossimilhança como sendo “efeito da realidade”, que também é mencionado por Costa (2009), ou seja, o discurso precisa ser a representação da realidade, é a relação de semelhança de que essa verossimilhança constitui interação existente entre os compositores das músicas com a realidade do público.

[...] A performance das festas, a dança, a familiaridade com as letras, a identificação das influências musicais (Caribe, Jovem Guarda, Bolero) fundamentam essa relação de verossimilhança entre o artista e o público. E o *locus* em que a verossimilhança se exercita é o da festa de brega. O efeito, a performance e o detalhe técnico, no caso das festas de brega, compõem o ponto de contato entre a obra e o consumidor. São as reverberações de um elemento no outro que produzem a verossimilhança. Talvez, neste caso, esta seja “a ideia”, tanto do artista quanto do público. (COSTA, 2009, p.47, grifos do autor).

As festas podem ser compreendidas como sendo lazer por parte do público, uma vez que se trabalha durante a semana e ao chegar os fins de semana as festas representam momentos de extravagâncias, de encontro com amigos; já por parte dos empresários e festeiros este mesmo fim de semana pode significar lazer, mas também empreendimento.

Desta forma, as festas de brega vão se territorializando, porém, apresentando significados diversos mediante os diferentes sujeitos que promovem as territorialidades das festas, sendo esse o bem comum entre os sujeitos, mas este território é compreendido de maneira particular de acordo com cada sujeito, ou seja, é um todo formado por partes diferenciadas, visto que cada sujeito tem uma relação com o território, mas que juntos funcionam como um todo que promovem as territorialidades das festas de brega.

As aparelhagens desempenham um papel significativo no que se refere às territorialidades das festas de brega, uma vez que nas palavras de (COSTA, 2009, p.56) “A festa de aparelhagem é o grande laboratório em que estes ritmos são recriados localmente a partir da dança, sendo seu carro-chefe, a dança do brega.” Assim, a própria festa é o grande difusor do ritmo brega, bem como a dança que é recriada mesmo durante as festas envolvendo o público, tanto é que os fã-clubes se tornam uma atração à parte, pois, em conjunto com as aparelhagens e a dança, divulgam o ritmo por meio de sua expressão corporal.

É comum nos discursos sobre a festa de brega dar-se ênfase à dança como seu elemento caracterizador maior. Do ponto de vista de um produtor musical, “a música que toca o público” é aquela que atrai para dança os casais na festa. No cenário que compõe as festas, fatores como as aparelhagens, a música, o público da periferia, a casa de festa, conciliam-se como elementos cuja trama é a dança, atividade primordial desses eventos. (COSTA, 2009, p.57).

Fica evidenciado que a dança assume valor primordial nas festas, sendo que a música empolga o público atraindo casais. Para Costa (2009), a música que “toca” o público, é a que atrai casais para o salão e a que todos cantam, esses elementos se conciliam e fazem da festa um momento de lazer.

Conforme (COSTA 2009, p.57), “[...] reconhece que a identidade desta produção está definida pelo ambiente da festa de brega, pelas suas escolhas musicais das aparelhagens e pelas preferências do público dançante.” Assim, é por meio destes elementos que as identidades são definidas e o público torna-se um elemento definidor desta identidade, pois as músicas

escolhidas estão para atender o que o público quer ouvir incluindo os fã clubes que além de dançar gostam de ouvir os bregas.

Os fã clubes são seguidores das aparelhagens que fazem seu próprio *show* durante as festas com suas coreografias ensaiadas e passos impecáveis. Eles fazem uma apresentação à parte durante as festas se posicionando em frente à aparelhagem com casais que mostram os passos de brega despertando a atenção do público, os componentes possuem uniformes que geralmente possuem o nome da aparelhagem e o nome do fã clube que durante toda a festa o DJ anuncia presença dos fã clubes, que também são chamados pelas aparelhagens de “família”, estes formam um território dentro de outro no momento que estabelecem o seu território em frente a aparelhagem.

De todo modo, o fã-clube de origem permanece como núcleo de relações de amizade mais próximas que privilegia a festa de brega como uma prática de lazer e que ensaia uma ligação quase profissional com a aparelhagem. [...] O núcleo desta ligação familiar repousa primeiramente na família do proprietário da aparelhagem, administradora da empresa. Com a integração dos demais funcionários e de membros dos fã clubes a este núcleo central, expande-se o campo relacional visualizado por seus integrantes como algo semelhante a uma família. (COSTA, 2009, p. 154).

Estes fã clubes representam o prazer em participar da festa bem como o de seguir uma aparelhagem, esta relação, pode-se dizer que é uma representação da relação de afetividade referente às festas de aparelhagem, como destaca (COSTA 2009, p. 150) “na realidade os fã-clubes são uma aproximação maior entre estratégias empresariais dos donos de aparelhagens e a resposta do público deste circuito ao seu poder de atração”. Ao mesmo tempo em que veem as festas como lazer, também é uma espécie de atração do ponto de vista empresarial eles ajudam na divulgação das aparelhagens.

As territorialidades das festas de brega são materializadas não somente por um grupo específico, mas pela interação entre sujeitos que são atores importantes, que compreendem desde quem organiza a festa (o festeiro) até quem vai à festa com o intuito de se divertir (o público), sendo que este é quem atribui todo o significado as festas. Nas palavras de Costa (2009) os que não sabem dançar, em suma, acabam por não fazerem parte em sua totalidade do circuito bregueiro. Neste sentido, é perceptível a importância que a dança tem com relação às territorialidades, uma vez que quem dança se territorializa.

A dança permite a socialização entre os sujeitos, ela é símbolo das festas é neste momento que as músicas são aprovadas ou não, a música que agrada o público é aquela em que

o salão fica lotado por casais para dançar. Assim o simbólico permeia o tempo todo as territorialidades, essa ideia do “pertencer” ou do “fazer parte” do circuito é que faz emergir essas identidades para com as festas de brega.

O produto da socialização entre os sujeitos são as festas de brega, além das questões simbólicas do “ver sua vida nas letras dos bregas”, da interação dos DJs com o público, evidencia que existe também os laços de amizade do festeiro com os proprietários das aparelhagens. Esses são alguns elementos que levam à aceitação das frequentes festas e consequentemente, as territorialidades das festas de brega que tem agenda comprometida nos dias de sábado, domingo e feriados.

Além dos fã clubes, outros sujeitos como o festeiro e os empresários que se reproduzem no território do brega é que fazem a territorialidade, a mídia também ajuda a expandir a prática cultural que são as festas. Segundo Costa (2009) a princípio, devido à divulgação da própria música já que para fazer sucesso, o brega precisa ser divulgado para que seja bem aceito pelo público, pois é ele quem determina se um brega irá fazer sucesso ou não.

O festeiro também é uma figura importante em meio ao universo brega, este sujeito é quem organiza as festas, busca patrocinadores para melhores descontos no que se refere ao contrato da aparelhagem, quanto mais conhecido neste meio, melhores serão as negociações. O festeiro pode ser também o dono da casa de festa sendo considerado somente como empresário.

Outro elemento importante a considerar na realização das festas de brega é o papel de mediador comumente desempenhado pelos *festeiros* contratos entre casas de festas e aparelhagens. O festeiro é personagem importante para a realização das festas de brega, principalmente nas casas localizadas na periferia da cidade. [...] Normalmente, o festeiro é alguém que realiza contratos de festas em diversos lugares, mesmo que seja proprietário de uma casa de festa. Os que somente realizam festas em seus próprios estabelecimentos são considerados unicamente como “empresários”. (COSTA, 2009, p. 65). (Grifos do autor).

Já a mídia em geral divulgam as músicas brega, “os lançamentos”, o calendário festivo para o público, tornando-se um importante elemento para a expansão destas festas. E por mais efêmeros que sejam o sucesso de alguns bregas, é preciso se manter informado das tendências para se atualizar, do contrário não irão participar do circuito bregueiro em sua totalidade.

Sobre o papel da mídia, outra estratégia muito utilizada para divulgar as festas, é o uso de faixas em pontos específicos para chamar atenção do público informando o nome da aparelhagem, local e data de realização da festa. A utilização desse recurso objetiva persuadir o público, há também aparelhagens com programas estratégicos são os programas de rádio onde o contratante pode ter sua festa anunciada durante meses e ganham faixas com os informes

referentes ao evento, ou seja, quem contrata aparelhagem que possuem programa de rádio tem a mídia da festa garantida.

As aparelhagens, que desde o início da música brega, divulgam os lançamentos, tocam o que o público quer ouvir, Costa (2009) fala da relação entre o público e a aparelhagem, que acaba mostrando os rumos a serem seguidos, aqui mais uma vez é referenciada a relação dos sujeitos. (COSTA 2009, p. 63) menciona que “[...] o público, então, não é visto vagamente como um objeto a ser alcançado no mercado musical, mas como um sujeito ativo, determinado por sua experiência festiva, que influi nos desdobramentos do próprio empreendimento”, neste caso, o público não é pensado separadamente dos demais sujeitos, ou como “algo a ser alcançado”, o mesmo é o sujeito que define as territorialidades das festas de brega animadas o tempo todo pelo DJ.

O DJ é considerado o astro da festa, cabe a este sujeito fazer a mediação o tempo todo com o público, anunciando as pessoas presentes, bem como enfatizando nome de fã clubes, amigos e celebridades levando o público a dançar e animar a festa. Esta interação é importante porque o público não se sente como algo a parte dos demais sujeitos, mas envolvidos na festa como um todo.

O DJ é responsável por manter no momento da festa a interação dos sujeitos, principalmente do público que vai à festa para se divertir e dos patrocinadores que de alguma forma contribuem para a sua realização. É ele o responsável por comandar todos os recursos tecnológicos que cada aparelhagem possui, pode-se dizer que o *show* é também de responsabilidade do DJ em tocar as músicas de outro sujeito importante: cantores e compositores.

Aos cantores e compositores cabe, então, compor e cantar as músicas que serão lançadas posteriormente nas festas, programas de televisão ou de rádio. Neste sentido, percebe-se que cada sujeito depende do outro para manter as festas, pois todos possuem seus interesses particulares em relação às territorialidades, sejam interesses capitalistas, sejam interesses voltados para questões simbólicas, enfim, os empresários, por exemplo, não veem as festas com o mesmo significado que os fã clubes e o público, no entanto, mesmo com interesses e participações distintas, as festas de brega vão conquistando territórios e exercendo suas territorialidades.

Ainda sobre as festas, Costa (2009) destaca que elas, embora originada nas periferias de Belém, trilham caminhos que as levam cada vez mais para a região central da cidade, assim,

fica evidente que o ritmo se populariza e o que antes era visto somente como ritmo da classe menos favorecida, torna-se cada vez mais popularizada nas demais classes sociais.

Quanto mais popular a aparelhagem e a festa, mais ela tem capacidade de atrair o público, muitas vezes, pelas relações de identidade com as aparelhagens, cantores e compositores que compõem as músicas que futuramente estarão na “boca da galera”. As relações entre estes sujeitos levam o brega a se popularizar e torná-lo mais conhecido em meio a tantos outros ritmos.

Segundo (COSTA, 2009, p.125), “a festa é a ponte principal que liga produção ao sucesso musical do brega”, desta forma, as músicas que são tocadas nas festas levam o público a ligarem para as rádios pedindo as músicas que foram tocadas nas festas ou ouvem nas rádios e pedem aos DJ que toquem durante a festa, ou seja, se tocar e o público aprovar consequentemente, esta música fará sucesso, por isso a festa, rádios e a mídia em geral tem o papel de apresentarem as músicas ao público.

O público como integrante deste circuito é o grande responsável pelo que irá fazer sucesso, é o que deseja ser conquistado pelas aparelhagens e cantores (COSTA, 2009, p. 139) enfatiza que “um dos resultados dessa aliança entre produção musical e modelo festivo é o surgimento de um público apreciador típico da música brega, que é um dos sujeitos ativos da re-criação dos tipos de festa do circuito bregueiro que recortam a cidade”. Percebe-se, que o público assume papel de grande relevância, pois ele é consequência da aliança entre o que é produzido e o modelo de festa que gera um público apreciador assíduo do circuito das festas.

Todavia, é necessário entender o que significa o circuito mencionado por Costa (2009).

O conjunto de pessoas que frequenta as festas de brega chega a compor um número médio que varia entre 500 a 1.000 participantes em cada uma das casas de festa espalhadas pela cidade e que funcionam principalmente durante o final de semana. Compõem-se, deste modo, um conjunto de eventos festivos articulados na cidade ao qual denominamos circuito. (COSTA, 2009, p.139).

Fica evidenciado o grande número de pessoas que participam das festas que se realizam preferencialmente durante os fins de semana, formando o conjunto destas festas espalhados pela cidade e no interior, originando um circuito.

Costa (2009) ressalta que festas de aparelhagens são eventos marcantes também nas festas do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no Carnaval e nas Festas Juninas que são exemplos vivos de que as festas de brega não se restringem a festas isoladas, mas fazem relação com eventos culturais maiores.

(COSTA, 2009, p.179) destaca que “são nesses períodos festivos, de grande envergadura e que abarcam a cidade como um todo, em que determinados pontos do circuito bregueiro alargam os seus alcances e vão além das suas fronteiras”. O circuito bregueiro durante esses eventos festivos maiores, não perdem suas características, mas se adaptam a essas práticas.

Costa (2009) enfatiza que diferente das festas de Círio e das festas carnavalescas que são festas mais centralizadas, as festas juninas mais se imbricam com as festas do circuito bregueiro, haja vista que estas festas também são espalhadas pela cidade durante a semana e aos fins de semana com características muito parecidas com as festas do circuito bregueiro.

[...] o circuito bregueiro fornece um modelo de organização de festa que, de certa forma, se repete nos diversos públicos recorrentes na periferia da cidade. As festas juninas, por sua vez, foram alguns destes eventos que mais de perto dialogaram com o modelo das festas de brega, exatamente desde quando elas o grau de profissionalização que apresentam atualmente no interior do circuito bregueiro. Em contrapartida, esse processo de profissionalização do circuito esteve como ainda está em alguns momentos, muito ligado ao período das festas juninas. (COSTA, 2009, p.198).

A dimensão dessa prática cultural funciona durante todo o ano e possuem frequentadores assíduos, que comparecem por considerarem que as festas se apresentam como uma ruptura do cotidiano de trabalho, estudos etc. Assim, ao mesmo tempo em que este público comparece para “sair da rotina” e se tornam parte deste circuito, tornando-se sujeito junto aos demais que compõem os territórios e as territorialidades das festas de brega.

Para além do ouvir a música ou do fazer parte do circuito, duas coisas são comuns durante as festas primeiro a música como já foi enfatizado, o dançar que é a expressão simbólica da música brega e símbolo principal da festa, juntas, essas duas vertentes do circuito bregueiro são difusoras para que ocorra a socialização que pode ser estabelecida mediante a descoberta de pessoas que compartilham dos mesmos códigos. De acordo com Turra Neto (2013):

[...] Esse momento inicial de elaboração da cultura é acompanhado, também, do estabelecimento de fronteiras simbólicas em relação aos adultos próximos – família, professores e patrões -, bem como em relação a outros jovens do bairro, como aqueles que envolvem-se em gangues de rua, disputam territórios pelo próprio bairro e no centro. Mas é também um momento de aproximação com outros jovens, que vão sendo descobertos, pela escola e pelo bairro, como tributários dos mesmos signos de identificação. (TURRA NETO, 2013, p.9).

O brega, assim como o movimento *hip-hop* foi ganhando adeptos, por meio das relações que envolve familiares, vizinhos e jovens de outros bairros que possuem um bem em

comum o gosto pelo estilo musical, estes jovens que até então viviam em uma parte da cidade e por meio dessas culturas os grupos passaram a se inserir em outra escala e o vetor dessa transformação foi o gosto pelos “mesmos signos de identificação” (idem). Também nas festas de brega que muitas vezes ocorrem desentendimentos mas, também é momento de “aproximação”,

Na mesma perspectiva, através da música busca-se integrar escalas diferente da qual vivem segregados, (GOMES, 2013, p.59) enfatiza a busca pelo centro “[...] entramos em um argumento teórico de que a identidade é reivindicada a partir de uma posição de marginalidade ou em uma tentativa de ganhar o centro [...]”. A identidade proposta pelo autor refere-se à medida que determinado grupo se encontra às margens da sociedade e este grupo busca sua identidade com o intuito de integrar de maneira positiva nesta camada da sociedade.

Logo, o brega é expandido por meio das relações de amizade dentro da família, os vizinhos do mesmo ou de bairros diferentes que também possuem o gosto pelo brega, sendo este o elemento difusor dessa relação entre jovens de diferentes bairros onde o símbolo está presente na música brega.

O que surgiu na periferia de Belém passa a estar presente agora no centro, porém, nem sempre é com relação harmônica que o ritmo e as festas chegam ao centro, isso se dá pelo fato de ainda ser considerada uma música de forte apelo popular, mas já se considera que, a passos lentos, o brega e as festas de brega estão conquistando seus territórios e exercendo suas territorialidades.

Para Santos (2009):

[...] Representa, sobretudo, o poder simbólico que a Musicalidade Brega Paraense imprime nestas áreas, fortalecendo e afirmando uma Identidade Brega, mesmo que esta não seja declarada em forma de movimento social organizado, porém, a análise geográfica presente neste trabalho leva ao entendimento da existência de um movimento cultural construído a partir dos sujeitos através da música. (SANTOS, 2009, p. 60).

Neste sentido, compreende-se que as identidades estão fortemente presentes nos territórios de brega em que as relações são estabelecidas mediante as relações existentes entre os sujeitos e as festas. Santos (2009) continua:

[...] Esse é o centro: a (re)produção da Musicalidade Brega Paraense faz com que os sujeitos estabeleçam os Territórios do Brega, que, por sua vez, se fixam nos espaços em que as festas acontecem; e fluem ou são móveis quando das articulações cotidianas engendradas pelos mesmos sujeitos que edificam o Movimento Bregueiro, os artistas, as empresas de aparelhagens, os donos das casas de festa, as rádios e, claro, os frequentadores. (SANTOS, 2009, p. 61).

Toma-se como base a música enquanto fomentadora das territorialidades que se fixam nos espaços em que as festas se materializam, visto que é por meio destas festas que os sujeitos incorporam as identidades que não estão restritas apenas a um sujeito específico, mas dos sujeitos como um todo, formando as territorialidades das festas de brega.

À medida que as escalas, os trajetos em busca da festa de brega aumentam, conseqüentemente as territorialidades vão se configurando em diferentes pontos da cidade, no entanto, vale ressaltar que não é somente dentro da área urbana que as territorialidades desse tipo de festa estão presentes, elas adentram as zonas rurais de municípios.

3 É HORA DA FESTA

Neste momento é possível identificar tais festas com o olhar voltado para as da zona rural do município de São Miguel do Guamá-PA pelo fato de ter festas todos os fins de semana e possuir aparelhagens local.

Agora para que se compreenda desde as primeiras até as atuais festas da comunidade do Ramal Boa Vista narrada por um de seus fundadores o Sr. Lucas Benedito Soares, que reside nesta comunidade há 80 (oitenta) anos e lembra como esta comunidade surgiu lentamente como as notas de uma valsa tocada nas primeiras festas, até as atuais agitadas pelas fortes “batidas” de um brega.

Seu Lucas foi um dos responsáveis pela criação da escola que, segundo ele, era necessário, pois as crianças percorriam 5 km (cinco quilômetros) para estudar. Para tanto, foi feito um barraco de madeira para que as crianças pudessem estudar na própria comunidade, a professora se chamava Irene, que era de São Miguel do Guamá e ministrava zona rural e havia estudado até a quinta série do ensino fundamental.

Com o passar do tempo, conseguiram outra professora (esta da zona rural), onde o prefeito do município foi acionado para a construção de uma escola. Nesta época, a igreja da comunidade ainda não existia e os moradores ouviam a missa transmitida pelo rádio e uma vez ao mês vinham de Bragança supervisores para fazer celebrações religiosas e ao mesmo tempo ensinar os moradores que, por sua vez, passaram a fazer suas próprias celebrações.

Mesmo a religiosidade sendo forte, as festas profanas também existiam e segundo o Sr. Lucas eram “festas boas”, elas ocorriam periodicamente aos sábados e a música era de responsabilidade dos músicos que tocavam sanfona, clarinete, tambor etc. Em um final de semana tinha em torno de quatro a cinco festas, este senhor trabalhava como comissário da polícia e era um dos responsáveis pela segurança que devido o consumo de bebidas alcólicas, os desentendimentos eram corriqueiros.

Nas festas mencionadas pelo Sr. Lucas, se dançava em pares ou sozinhos mas se dançava mais em casais. Os ritmos mais tocados durante as festas eram o forró, a valsa e o samba. A iluminação era feita por meio de lamparinas e tochas de fogo feita com bambú, onde colocavam dentro desses objetos o querosene, o que mantinha por mais tempo as chamas. Sobre a divulgação das festas eram feitas de casa em casa avisando e convidando os moradores a participarem, atualmente as festas são anunciadas com faixas, em rádios, *internet* e durante a própria festa. Percebe-se, neste sentido que as estratégias para atrair o público vão se

modificando ao longo do tempo, assim, também as territorialidades das festas que já vem se estabelecendo ao longo dos anos.

É perceptível que as festas em si já configuravam seus territórios. Isso pode ser compreendido como um ensaio do que viria a ser as festas de hoje, embora haja algumas diferenças, mas era uma prática de lazer nesta comunidade, sendo possível detectar os aspectos simbólicos, pois, o Sr. Lucas fala em entrevista para este trabalho com satisfação desse tempo.

O cenário atual das festas teve início na comunidade por meio de campanhas políticas, pois para que todos ouvissem os discursos eram instalados alto falante que propagavam vozes a longas distâncias. Esse foi um dos primeiros aspectos do que viria ser, posteriormente com as aparelhagens. No início, a comunidade tinha cerca de quatro famílias, atualmente, residem cerca de 102 (cento e duas) tem igreja, posto de saúde, escola e comércio na comunidade.



Foto 1: Vista da Comunidade Nossa Senhora de Fátima (Ramal Boa Vista)

Fonte: LIMA, 2015.

Comentário: Vista panorâmica da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, onde a Igreja fica ao centro.

A foto 1 mostra, a comunidade do Ramal Boa Vista que mostra a igreja como marco da religiosidade, próximo a ela está o posto de saúde a esquerda da imagem e algumas residências a direita da imagem. Isso demonstra a forte religiosidade, visto que as casas se concentram em volta da igreja geralmente são de pessoas que participam assiduamente dos eventos realizados pela igreja. O terreirão onde são realizadas as festas de aparelhagem não se

localizam próximo a ela por questão de respeito e para não haver conflitos com as atividades religiosas.

3.1 OS PASSES DA PESQUISA

Para que se pudesse realizar este trabalho alguns sujeitos foram entrevistados durante as festas, porém, os DJs e alguns integrantes de equipes foram entrevistados em suas residências pelo fato de o público ser grande e o DJ, neste momento, está trabalhando. Como as equipes estavam na maioria das festas optou-se por entrevistá-las fora dela, porém, elas sempre auxiliavam no momento de abordar as pessoas, pois conhecem o público frequentador da festa.

O mínimo de entrevistados por festa foi 50 (cinquenta) pessoas mas isso dependia da quantidade de pessoas podendo ser superior, pois a quantidade varia, o período de festas frequentada foram nos meses de abril a junho neste último as festas se adequavam aos festejos juninos ênfase era para o forró, mas os bregas também tocavam.

Nas festas observava-se as equipes sempre se concentravam em frente à mesa de som, os vendedores ambulantes que estavam presentes em todas as festas geralmente ficavam nas laterais do terreirão, os dançantes que nem sempre chegavam com suas damas mas as buscavam durante a festa e como esta busca era feita por meio do flerte, de conversas informais, enfim, o que observava era que rapidamente o terreirão ficava repleto de casais que se expressavam através da dança.

O comportamento do público mudava ao longo da festa, no início eram mais tímidos e à medida que a festa avançava a bebida já mostrava seus efeitos, o grau de sociabilidade também aumentava, as pessoas falavam e riam mais, os desentendimentos também aumentavam e durante a madrugada uma vez ou outra o DJ chamava pelos seguranças que em algum ponto do terreirão estava havendo brigas os seguranças por sua vez, geralmente retiravam os responsáveis pela briga ou tentava acalmar os ânimos, mas a festa não parava e muitas pessoas nem percebiam as confusões e assim era até o amanhecer.

Quando amanhecia o número de pessoas já era menor e geralmente eram pessoas embriagadas o som já tocava em volume reduzido e as músicas a partir da madrugada vão mudando, são tocados os bregas marcantes que são aqueles considerados mais antigos. O DJ na verdade sabe exatamente o que tocar para cada momento da festa que inicia tocando ritmos mais lentos, no auge da festa quando há concentração significativa do público o brega é o que mais toca, mas não somente ele, pois existem sequências de forró, arrocha, *dance*, brega

marcante, lambada e etc. Em uma sequência tocam cerca de 3(três) a 5 (cinco) músicas do mesmo ritmo. Para tais constatações a observação foi essencial, mas para além disso as entrevistas também deram suporte ao trabalho.

Com os DJs foram horas de conversa, de modo a descobrir elementos que possibilitavam compreender as territorialidades das festas de brega e outras informações relevantes. Durante as festas, se concentrar era tarefa difícil, talvez esta seja a maior dificuldade encontrada durante a pesquisa, o barulho, as pessoas bebendo e dançando nem sempre era confortável “parar” as pessoas para entrevistá-las.

Foram selecionadas as falas a partir das entrevistas, que mais se adequam à pesquisa também foram utilizadas as letras X e Y para denominar duas aparelhagens mencionadas no trabalho e para denominar comunidades diferentes A1 e A2.

Quanto as fotos tiradas em campo foi preciso evidenciar o que realmente era importante para ser registrado, a fim de não cair no erro de registrar fotos que não acrescentassem informações precisas para a pesquisa e para comprovar o que havia sido pesquisado. Outra metodologia válida foi dialogar com os moradores da comunidade do Ramal Boa Vista para que pudessem compreender como foram às primeiras festas e como as atuais se instalaram na comunidade.

Os mapas de fluxos para mostrar as pessoas de outros municípios que participam das festas do interior de São Miguel do Guamá, valendo destacar por meio do mapa a localização das aparelhagens da zona rural de São Miguel do Guamá. As aparelhagens são identificadas no mapa com letras que vão de (A até I) destacando as aparelhagens da comunidade do Ramal Boa Vista, utiliza-se também uma figura que espacializa o terreirão sendo que esta não obedece a um padrão, mas são comuns terreirões com esta estrutura.

Posteriormente, as questões legais para a realização da festa e algumas informações foram obtidas junto à Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA) e Polícia Civil de São Miguel do Guamá, para entender a emissão dos alvarás para realização das festas, sejam elas realizadas na zona urbana ou rural.

Utilizando a pesquisa qualitativa que permitem que “o pesquisador procure entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada” (NEVES, 1996, p.1) sendo relevante para entender a realidade, os símbolos, as identidades que estão presentes nos sujeitos que imprimem estas territorialidades das festas de brega, mas sem desconsiderar o quantitativo no que se refere ao grau de consumo e investimentos nas aparelhagens, bem como

o sustento de famílias que estão ligadas às aparelhagens e toda dinâmica para realização de uma boa festa.

As letras de músicas, programas de rádio e tudo que se referia a divulgação e contratação as aparelhagens, enfim, tudo que se relaciona com a pesquisa foi dada atenção para que se pudesse compreender como se concretizam as territorialidades das festas de aparelhagens na zona rural de São Miguel do Guamá.

3.2 O BREGA DAS TERRITORIALIDADES: A BATIDA QUE RETINE NO RAMAL BOA VISTA

Assim como na cidade as festas de aparelhagem aqui entendida como equipamento sonoro que anima as festas do Pará, mais precisamente, no município de São Miguel do Guamá-PA, são comuns. E na comunidade do Ramal Boa Vista essa prática se torna verídica com a aparelhagem “Tornado, o furacão da galera”, que está nesta comunidade desde 2007, tocando em outras localidades, porém, sua formação é mais antiga.

A aparelhagem Tornado surgiu na periferia de Belém, com o Sr. Antônio que foi o primeiro proprietário da aparelhagem e pai dos atuais proprietários os irmãos Rildo e Dinho e o DJ Regis Campos, que são da comunidade Ramal Boa Vista, mas que residiram em Belém por alguns anos.

Por motivo de doença seu Antônio teve que ir para Belém. O Tornado surge no seio familiar segundo o DJ Regis, seu pai já desempenhava a função de DJ tocando em outras aparelhagens e “em meio a uma brincadeira” ganharam em um bingo seu primeiro equipamento de som chamado *três em um*, e assim começaram a tocar durante os fins de semana nos bares do bairro da Cidade Nova em Belém.

À medida que tocavam, surgia a necessidade de comprar mais equipamentos para aumentar a aparelhagem (que começara a se popularizar) e era preciso criar um nome para ela e em alusão a outra aparelhagem de sucesso (o Transa Som, de Castanhal), deu-se o primeiro nome “Transa som, o fera da cidade”.

Com o aumento da demanda pelas festas a necessidade de aquisição de mais equipamentos, pois precisavam de novidades para agradar ao público. Isso pode ser entendido como as primeiras estratégias para a territorialidade das festas nas periferias de Belém, neste sentido, percebe-se que a busca por determinar o território de sua aparelhagem surge desde sua origem.

Por diversas vezes apareceram dificuldades em manter a aparelhagem funcionando e fazendo sucesso em meio a tantas outras que, durante certo tempo, o “Transa Som, o fera da cidade” já não faziam festas. Contudo, o desejo de continuar atuando era forte que venderam a aparelhagem que possuíam para comprar outra com mais tecnologia, inclusive com televisão, que neste momento significava muito para aquela família que sempre foi movida pela música.

A nova aparelhagem se chamava “Poderoso Dragão” que já tocava em outros municípios como Vigia, Viseu e Bragança. E, novamente, a família teve que vender sua aparelhagem mas continuaram no ramo da música tocando em outras, inclusive nas tradicionais Tupinambá e Jacksom. Ao longo de anos, sem aparelhagem própria, os irmãos resolveram comprar outra aparelhagem o “Alvinegro, o vencedor do Pará”.

Novamente, venderam partes do Alvinegro, mas o antigo dono desta aparelhagem, o DJ Josimar, já estava montando outro som e resolveram juntar as duas aparelhagens e se tornaram sócios. A nova aparelhagem se chamava “Tornado, o fenômeno da galera” que passa novamente a tocar nos bairros de Belém e tocaram juntos com as aparelhagens Rubi, Super Pop, Tupinambá, Transa Som, que são consideradas de grande porte.

Em meio a momentos de oscilações das quais compõem a trajetória das aparelhagens, fica evidente que conquistar território e exercer territorialidades das festas de brega é complexo, por isso que as aparelhagens se renovam constantemente no que se refere à tecnologia, tocando músicas novas, pois, o foco é conquistar o público e possuir laços de amizade com quem trabalha no meio, isso fica claro durante as entrevistas com os festeiro, equipes, público em geral, DJ e proprietário da aparelhagem, pois são estes os responsáveis pelas territorialidades das festas de brega na Comunidade do Ramal Boa Vista.

Mais moderno, o Tornado só chega em 2007 ao Ramal Boa Vista, trazido pelos irmãos com o intuito ouvir música em casa e aos fins de semana, neste momento quem comandavam as festas na zona rural era o Art Som, aparelhagem de pequeno porte e o Lailsom, aparelhagem da cidade de São Miguel do Guamá.

Durante os fins de semanas, os irmãos começam a comprar cerveja e vender, fazendo uma brincadeira que começou dar certo. A primeira festa foi em um sábado de aleluia que teve a presença de um público significativo, daí começaram a chamar o Tornado para tocar em festas de aniversário, casamento mas somente em uma festa de 15 (quinze) anos com apresentação do Tornado que os irmãos tiveram noção que sua aparelhagem já tinha sido aprovada pelo público e resolveram levar o negócio a diante, para isto, havia necessidade de preparação para que pudessem realizar uma boa festa.

A pesquisa mostrou que a preparação da festa começa antes, havendo a necessidade segundo o DJ, de para cada festa, selecionar as músicas antecipadamente e que durante a festa precisam tocar as músicas que o público deseja ouvir. É agradando o público, fazendo parcerias que as festas vão surgindo e os donos da aparelhagem Tornado não esquecem da importância dos amigos, para que sua aparelhagem fosse reconhecida.

“Agradeço muito ao pessoal do Pop Som que tocou minha música, e fazia shows durante os finais de semana, cantei com a Banda Fruto Sensual na época tava estourada com a música “Está no ar”, Nelsinho Rodrigues, Diogo, Alberto Moreno, Marinho, Cris Oliveira essas são pessoas que foram importantes na minha carreira e atualmente o Lailsom que é proprietário da aparelhagem Lailsom e ao Socorro Proprietário do Arte som que é um grande parceiro nosso. Quando nós chegamos aqui eu coleí no Lailsom, a gente alugava espaço por aí, chamava ele pra tocar junto com a gente foi aí que a mídia do tornado cresceu. (Dj Regis Campos – Entrevista realizada em 16/05/2015). [Sic].

Sobre as amigadas, fica evidente que foram importantes para o proprietário e DJ, visto que este último faz questão de mencionar as pessoas que contribuíram para o sucesso de sua aparelhagem, estabelecendo as relações de “vizinhança” enfatizada por Magnani (2003), que são lembradas pelo DJ que tem gratidão pelo apoio de proprietários de outras aparelhagens que possibilitaram o sucesso do som Tornado no Ramal Boa Vista e em outras comunidades.

Junto a questões de amigadas que foram importantes para o Tornado, também deve-se considerar a questão econômica, referente ao funcionamento da aparelhagem, já que gera empregos para (6) seis famílias que colaboram na montagem dos equipamentos que precisam estar prontos com antecedência para fazerem os testes, passar o som para que no momento da festa tudo esteja organizado para agradar as equipes que os seguem e o público.

No que se refere as equipes tem “As Tornadetes” e “As Danadinhas do Tornado” são equipes femininas que possuem uniformes que levam o nome da aparelhagem estampado nas blusas que se concentram em frente à mesa de som. Durante as entrevistas com algumas componentes das equipes é nítida a satisfação que elas têm em frequentar as festas, isso ficou evidente na fala de uma das entrevistadas quando foi questionada sobre a importância de frequentar as festas do Tornado.

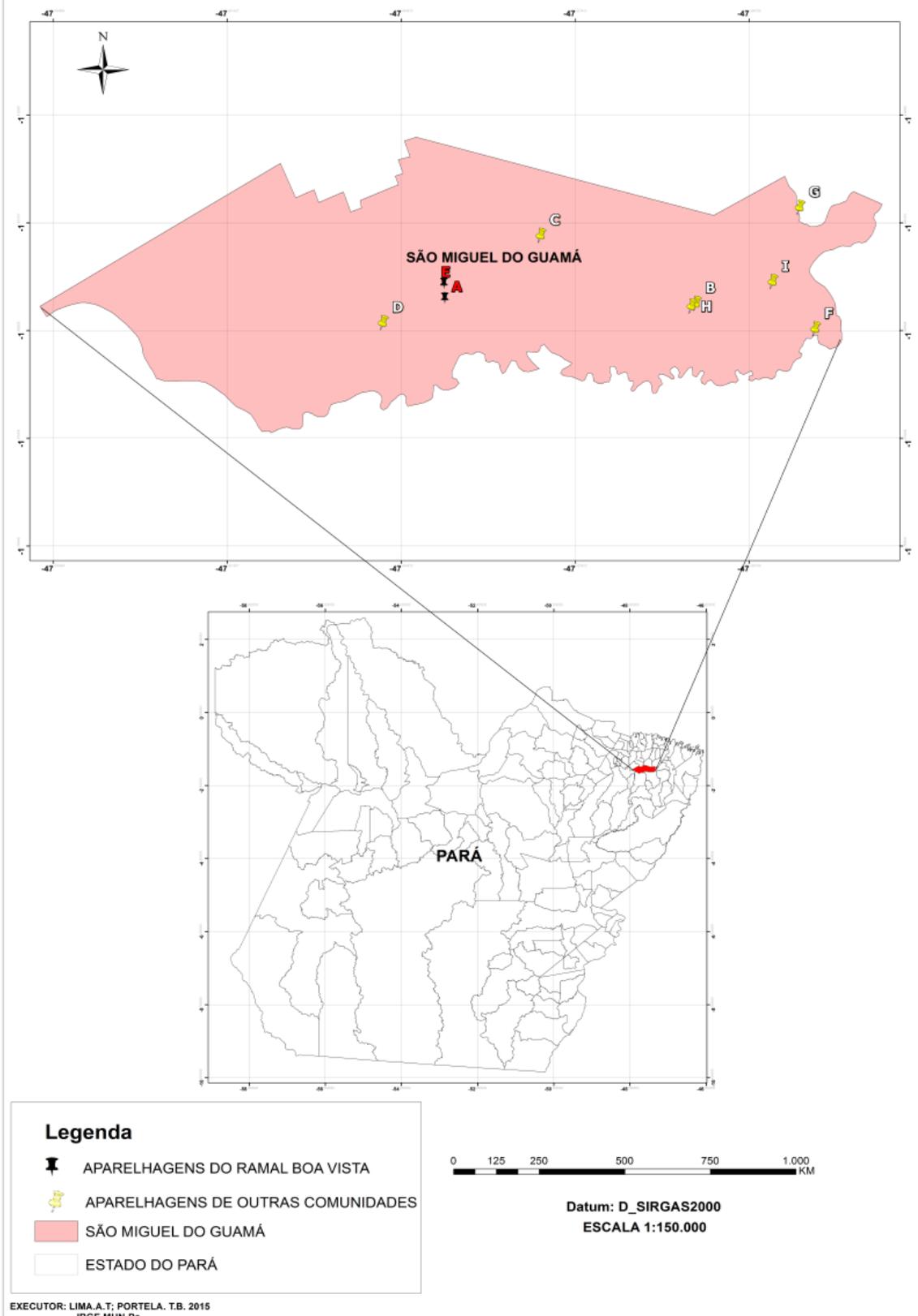
Vou pra festa pra me divertir, é claro, mas vou também por que me sinto bem lá (na festa) o Regis recebe a gente bem e fico à vontade. Então se vou num lugar e sou bem recebida, eu volto lá, por isso voltei para o Tornado. Gosto dos *melodys* que ele toca, é bacana a galera vibra muito, mas gosto também de forró e outras músicas que toca. [...]. Quem gosta de dançar dança que não gosta fica só curtindo, o importante é que todo mundo se diverte e brinca, bebe, dança e às vezes tem uma “briguinha”, mas não é nada demais, e onde o Tornado for eu vou também. (Componente de equipe As danadinhas do Tornado – Maria Elisângela em 06 /06/2015). [Sic].

Fica claro, neste trecho, de uma pessoa que participa bastante das festas dessa aparelhagem a questão do acolhimento por parte do DJ, ou seja, esta é bem recebida “o Regis recebe a gente bem”, isso faz com que os sujeitos frequentem novamente as festas, pois faz com que as pessoas fiquem à vontade para dançar, beber e se divertir, consistindo numa estratégia para agradar ao público, vender cervejas e divulgar a aparelhagem. Além disso, as músicas chamam atenção dos frequentadores que em muitos casos, são atraídos pelas músicas selecionadas pelo DJ. É assim que as territorialidades das festas do brega vão se configurando por meio de estratégias de fazer o público se sentir bem e tocar o que eles pedem.

No início da festa muitas pessoas se concentram em frente ao terreirão para esperar que o local da festa ficasse lotado para então poderem entrar, enquanto isso o Dj vai tocando os bregas e convidando o público que está fora para entrar. Quando já existe um público significativo dentro do terreirão e a festa já está animada as pessoas entram cantando, dançando ou fazendo qualquer gestual. Sempre o dono da festa ou um dos o DJs da aparelhagem vai ao encontro dessas pessoas dando as boas vindas enquanto o outro DJ vai anunciando o nome das pessoas e agradecendo pela presença, no momento que o nome de alguém é anunciado pelo DJ em resposta a pessoa faz um sinal de agradecimento levanta a mão como forma de demonstrar sua presença para o restante do público.

O mapa abaixo mostra as aparelhagens distribuídas na zona rural de São Miguel do Guamá. Vale ressaltar que tais aparelhagens, além das suas comunidades tocam em outras e até em outros municípios. As aparelhagens que se situam próximos a outros municípios tem maior mobilidade se torna mais acessível em relação às demais que para tocarem em outros municípios precisam percorrer maiores distâncias, gerando mais gastos até o local da festa. A mesma situação é válida para as equipes que acompanham as aparelhagens. Quanto mais perto da comunidade mais facilidade para as equipes.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS APARELHAGENS



Mapa 1: Localização das aparelhagens.
Fonte: LIMA; PORTELA, 2015.

3.3 DAS EQUIPES

Para as territorialidades do brega alguns sujeitos são essenciais e as equipes que usam uniformes com o nome da aparelhagem da qual fazem parte e geralmente, se concentram em frente ao comando do som, fazendo os gestuais muitas vezes de acordo com a letra da música. Durante toda a festa, estas permanecem no mesmo lugar, cantam e dançam e o DJ ressalta o nome das pessoas que compõe as equipes, pois, o fato de uma aparelhagem ter equipes demonstra seu sucesso que também é estabelecido pelas relações com os participantes que pelo que foi observado é de amizade.

Um DJ de uma aparelhagem de São Miguel do Guamá-PA que possui uma aparelhagem há 30 (trinta) anos, o Sr. Lecy Martins e proprietário da aparelhagem “*Scorpion Saudade*”, (tocam os bregas mais antigos), tocam em festas no interior e na cidade, esta aparelhagem toca ritmos mais lentos onde as pessoas dançam em casais, isso diminui riscos de possíveis conflitos durante as festas, já que muitas brigas são ocasionadas pelo fato das pessoas já estarem embriagadas e no momento de músicas agitadas, acabam se esbarrando, dando início às confusões que geralmente acontecem durante a madrugada.

O que se percebe é que o público que participa das festas na cidade e no interior há também participantes de comunidades e de outros municípios. É o que está explícito nos trechos de entrevistas a seguir.

Entrevistado 1: “Gosto da festa no Ramal Boa Vista por que aqui todo mundo se conhece, dança e brinca junto, e mesmo com as brigas que ocorrem nas festas e tu pode ver que tem bastante gente de todo lugar, por isso que dá muita gente.” (Entrevista realizada com Robson em 07/06/2015).

Entrevistado 2: “Tanto as festa da cidade quanto do interior são boas, sempre que tem festa eu venho porque me sinto à vontade.” (Entrevista realizada com Elizabeth em 30/05/2015).

Entrevistado 3: “Ah! mana eu gosto das festas do Tornado, mas aqui eu vou pra festa do Lailsom que também é boa e principalmente quando ele vai toca aqui no Ramal eu vou.” (Entrevista com Jonas realizada em 07/06/2015).

Entrevistado 4: “Na festa você curte, mas a atenção é redobrada a gente fica se vigiando devido os mal feitores que não vão para brincar e sim para brigar.” (Entrevista realizada com Eliete integrante da equipe “As danadinhas do Tornado” em 30/06/2015).

Mediante o que ressalta alguns frequentadores, percebe-se que os entrevistados 1 e 3 são da zona rural e falam do quanto gostam das festas já o de número 2 é de São Miguel do Guamá e frequentam as festas do Tornado, mas como a entrevistada 4 que faz parte da equipe “As danadinhas do Tornado” e menciona que mesmo as festas sendo boas é preciso ter atenção devido as confusões que ocorrem.

Sobre as “As danadinhas” esta equipe surgiu há 9 (nove anos), porém, somente há 5 (cinco) tornaram “As danadinhas do tornado” elas vão na maioria das festas desta aparelhagem e frequentam outras festas, como as proporcionadas pelas aparelhagens Super Pop, Scorpion, Lailson e etc. Assim fica evidente que, durante as conversas formais e informais com as integrantes dessa equipe, elas não gostam de faltar as festa do Tornado e consideram o som como a “segunda família”, são agradecidas e mencionam a gratidão pelos DJs que as convidaram para fazerem parte da “família Tornado”. Também ressaltam as relações da equipe com os DJs, que não é só no momento das festas, mas antes, durante e depois.

As relações das equipes com os DJs durante a festa se modificam, pois as equipes compreendem que eles estão trabalhando e precisam dar atenção para o público em geral, estas equipes ficam localizadas em frente ao comando do som, geralmente uniformizada, o que as identificam como sendo uma equipe e também definem o seu território.

Antes da festa, elas geralmente conversam com os DJs para darem sugestões, pois por estarem em contato maior do público durante a festa elas sempre ouvem os comentários que são feitos sobre a aparelhagem ou sobre a atuação do DJ e após a festa elas repassam para eles o que poderia melhorar e elogiam por alguns momentos marcantes na festa, o mesmo fazem os DJs, pois, é muito importante para uma aparelhagem as equipes, visto que estas demonstram o quanto a aparelhagem é querida “o Regis pra mim é um irmão camarada gosto dele “de graça” e o Tornado vai junto no peito, alma e coração” é o que menciona uma integrante da equipe.

Contudo, vale ressaltar que alguns integrantes são do interior, mas atualmente residem na cidade de São Miguel e mesmo assim continuam frequentando as festas do Tornado. Além das equipes há outro sujeito importante, o Dj é ele o responsável pelo que vai ser tocado durante toda a festa.

3.4 DA ATUAÇÃO DO DJ

Grande importância é dada às músicas que são e serão tocadas nas festas, ou seja, o DJ no momento da festa fala que as músicas são pré-selecionadas, logo, precisa estar informado e

atualizado do que é tendência no momento, pois necessita daqueles bregas que estão fazendo sucesso para tocar em suas festas.

No caso de duas aparelhagens de São Miguel do Guamá denominadas, aqui, de aparelhagem A1 e aparelhagem A2. A aparelhagem A1 possuía um DJ muito conhecido pela sua competência em animar e fazer o público das festas cantar e dançar, durante certo tempo esta aparelhagem fez muito sucesso em São Miguel e região. Já a aparelhagem A2 também tocava, porém, não com a mesma intensidade que a primeira.

O DJ Regis Campos (da aparelhagem Tornado) ressalta que “a aparelhagem é uma política”, tendo em vista que tempos depois o DJ da aparelhagem A1 passou a tocar na aparelhagem A2 que, por sua vez, também conseguiu um programa de rádio em uma emissora muito conhecida no Pará foi que alavancou esta aparelhagem que atualmente é muito requisitada em São Miguel e região. Uma aparelhagem em algum momento pode estar fazendo sucesso em detrimento de outra, porém, por algum motivo pode vir a perder território para outra aparelhagem isto ocorre mediante vários fatores entre eles está como o caso das aparelhagens do exemplo anterior que neste caso é o DJ que definiu o sucesso da aparelhagem que até então não fazia sucesso.

Isso mostra que as territorialidades não são fixas, mas móveis, pois, se alteram à medida que modificam os sujeitos, visto que a aparelhagem A1 fazia sucesso em detrimento da aparelhagem A2, mas como a figura do DJ que ao migrar para a aparelhagem A2 passa a se destacar no quesito aparelhagem de São Miguel do Guamá.

Sobre a importância dada ao DJ Regis Campos que é proprietário e festeiro, deve-se levar em conta a participação de outro DJ, o Piranha, são eles os responsáveis por fazer a festa acontecer, e uma das estratégias comum durante a festa é anunciar o nome de algumas pessoas que estão presentes, de atender a pedidos de músicas, de ir ao encontro dos amigos durante a festa. Para Regis Campos é mais que isso fazer as festas hoje com sua aparelhagem é para ele a materialização de um sonho que se perdura há bastante tempo e fazer festas com o som Tornado junto aos irmãos Dinho e Rildo motivo de satisfação.

Neste sentido, territórios e territorialidades são constituídos de sentimentos, quanto da satisfação em trabalhar com o Tornado que, por sua vez, também gera lucro por meio do número de festas que ele toca, pois, no percurso feito durante a pesquisa foi observado muitas faixas que anunciavam suas festas.

Além do mais, o DJ menciona que sua aparelhagem ajuda na renda de seis famílias, pois, de uma aparelhagem montada há os bastidores que é transportar e montar, ir em busca de

patrocínio, fazer parceria para realizarem festas, ou seja, gera emprego, mas não o suficiente para sustentar suas famílias, pois todos os que trabalham com o Tornado durante a semana trabalham na agricultura sendo sua principal fonte de renda a plantação de mandioca para produção de farinha e nos fins de semana trabalham com a aparelhagem de som o que torna um acréscimo a sua renda.

Durante esses fins de semana em que as festas ocorrem, é importante salientar que a aparelhagem deve chegar ao local de sua realização com antecedência, para montar e testar os equipamentos, com o intuito de que tudo aconteça sem problemas durante o evento.

“O som não basta só ser bom, tudo começa pela base, o som é uma família se eu for na sua casa e não ser bem recebido não volto, mas agora se você chega na festa do tornado e eu lhe mando um abraço agradecendo sua presença, aí o “cara” vai tomando mais cerveja vai gostar e mesmo que tenha ali outra aparelhagem tocando você vai dizer “rapaz vamos ali no tornado que os meninos trata a gente super bem” e assim vai. As pessoas pedem músicas a gente toca, mandam e recebem alô aí um vai fala para um amigo, que conta para o outro que a festa do tornado é boa. É o boca a boca na aparelhagem, é assim se tratar bem o seu público ele volta também a aparelhagem tem que acompanhar a tecnologia da época, se não conseguir ir até o limite tem que pelo menos se enquadrar. (DJ Regis Campos – Entrevista realizada em 14/05/2015). [SIC].

Neste trecho da entrevista percebe-se que para promover as territorialidades das festas de brega, sejam elas por meio do “mandar um alô” ou por receber bem o público, pela inovação tecnológica, pela mídia e também tocando as músicas que as pessoas pedem, estas são algumas das estratégias utilizadas para manter o público nas festas já que esta é a maior demonstração das territorialidades.

3.5 A FESTA

A festa não se restringe ao momento em que a aparelhagem está tocando, mas configura o resultado da articulação entre os sujeitos que começam bem antes da data divulgada. Isso fica evidente quando foi informado o que seria o passo-a-passo da festa, onde tudo começa com a escolha da data, de modo que não tenha outro evento neste mesmo dia ou próximo à data escolhida, isso para que o público compareça e não tenha outra festa concorrente.

A festa pode representar um momento de rompimento da rotina, sendo realizada nos fins de semana, entretanto, a festa pode ser compreendida como momento em que se celebra o agora e o passado, uma vez que sempre há músicas que trazem lembranças, como é o caso dos bregas marcantes (como o próprio nome ressalta), que trazem à tona músicas que podem

representar momentos que foram importantes que marcaram a adolescência, ou que trazem lembranças de algum momento importante. Neste sentido, a festa pode ser entendida como o momento de (re) encontro de temporalidades distintas e apresentam também o 'agora' pelo fato de tocar e ser um modelo de festa atual, que envolve muita tecnologia, além do que as danças são diferentes e os comportamentos também mudaram.



Foto 2: Panorama da festa de brega foto tirada de frente ao comando da aparelhagem.

Fonte: LIMA, 2015.

Comentário: Vista da festa de brega na zona rural de São Miguel do Guamá, percebe-se que dentro da festa há circulação de pessoas por todo o espaço, mas também pessoas que preferem se concentrar em volta da mesa somente para beber.

A foto 2 mostra, o número de pessoas na festa da aparelhagem Tornado em um domingo de bingo, a presença do público é variada e há pessoas de todas as faixas etárias neste evento, além disso, há o consumo de bebidas, barracas de vendas (ao fundo da imagem) e nas laterais já o público fica em todo o terreirão. Por isso é possível identificar que as pessoas no interior da festa vão se territorializando dentro do território do brega formando outros pequenos territórios que em sua maioria, são formados por pessoas de comunidades ou municípios diferentes que ao chegarem na festa escolhem os lugares preferidos, as equipes geralmente estabelecem seu território em frente à mesa de som, pois, ganham maior visibilidade diante de todos.

No canto inferior direito da foto 2 percebe-se a presença de pessoas em volta da mesa com cervejas, sendo possível identificar que não vão a festa para dançar mas para flertar e beber,

o que também acontece em vários pontos do terreirão, mas há também as pessoas que vão para trabalhar com vendas de comidas, caramelos e outros produtos, são as barracas localizadas ao fundo e nas laterais da foto são bastante iluminadas como forma de chamar atenção das pessoas, ainda ao fundo há uma barraca que fica centralizada na mesma direção da mesa de som, pois, este é o foco maior na gravação, esta barraca permite uma visão ampliada da festa e serve de apoio para a aparelhagem, pois, nesta festa foi gravação de DVD.

Para realizar uma festa favorável ela precisa de uma boa organização e o custo, segundo o DJ para uma festa com aparelhagem de pequeno porte o custo gira em torno de R\$ 2.000 (dois mil) a R\$ 3.000 (três mil), pois precisa de segurança; licença; bebida; gelo; gastos para contratar a(s) aparelhagem(s), onde na maioria das vezes, o festeiro age para buscar patrocinadores; escolha do local da festa, divulgação para isso as faixas custam em torno de R\$ 60,00 (sessenta) e precisam ser distribuídas nas principais vias da zona rural, além das faixas é preciso divulgar a festa em programas de rádio, redes sociais e carro som que anuncia tanto na cidade de São Miguel quanto nas comunidades, nas próprias festas também são anunciadas datas das próximas festas tudo isso para manter o público informado.

Além desses elementos, existem outros, como informar as equipes que, por sua vez, se organizam para estarem presentes na festa com seus respectivos uniformes, o DJ precisa testar com antecedência o som e fazer a seleção das músicas que serão tocadas, providenciar transporte para levar a aparelhagem até o local da festa e fazer novamente a checagem do som para que não venham ter problemas durante a festa. A aparelhagem começa a tocar por volta das 18:00 h (dezoito) horas, sem ter hora determinada para terminar (na zona rural).

A chegada do público também não obedece a um horário específico, à medida que vão chegando vão se espacializando no território do brega, as equipes optam por ficarem em frente ao comando da aparelhagem e pelo que foi identificado na pesquisa, a presença das equipes dá fama à aparelhagem e para a festa, as barracas de comida, de cerveja e vendedores ambulantes ficam geralmente nas laterais do terreirão para não dificultar a circulação dos participantes que costumam espacializár-se a seu critério; tomemos como exemplo pessoas da comunidade X, que ficam juntas em um determinado lugar escolhido por elas na festa, o mesmo acontece com as pessoas da comunidade Y, mas tanto o público X quanto Y circulam livremente no espaço da festa. Na figura abaixo é possível observar como se configura o terreirão de festa de brega neste caso da aparelhagem Tornado.

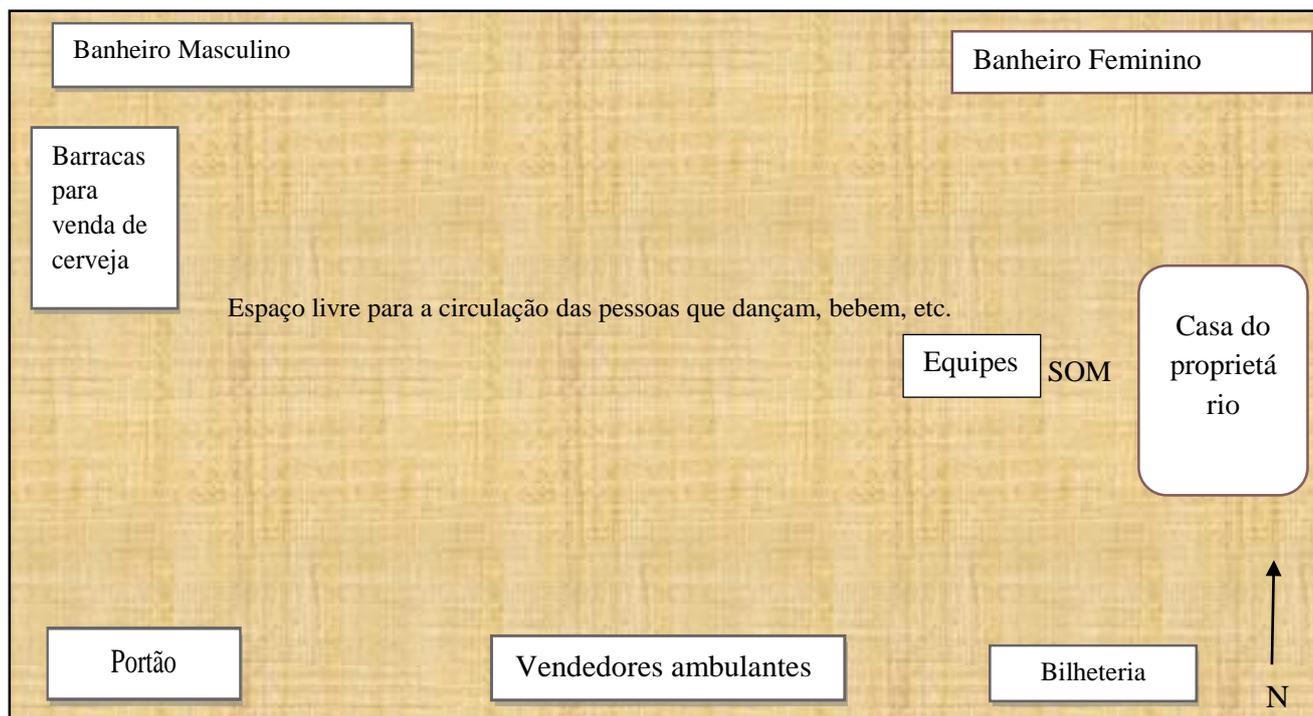


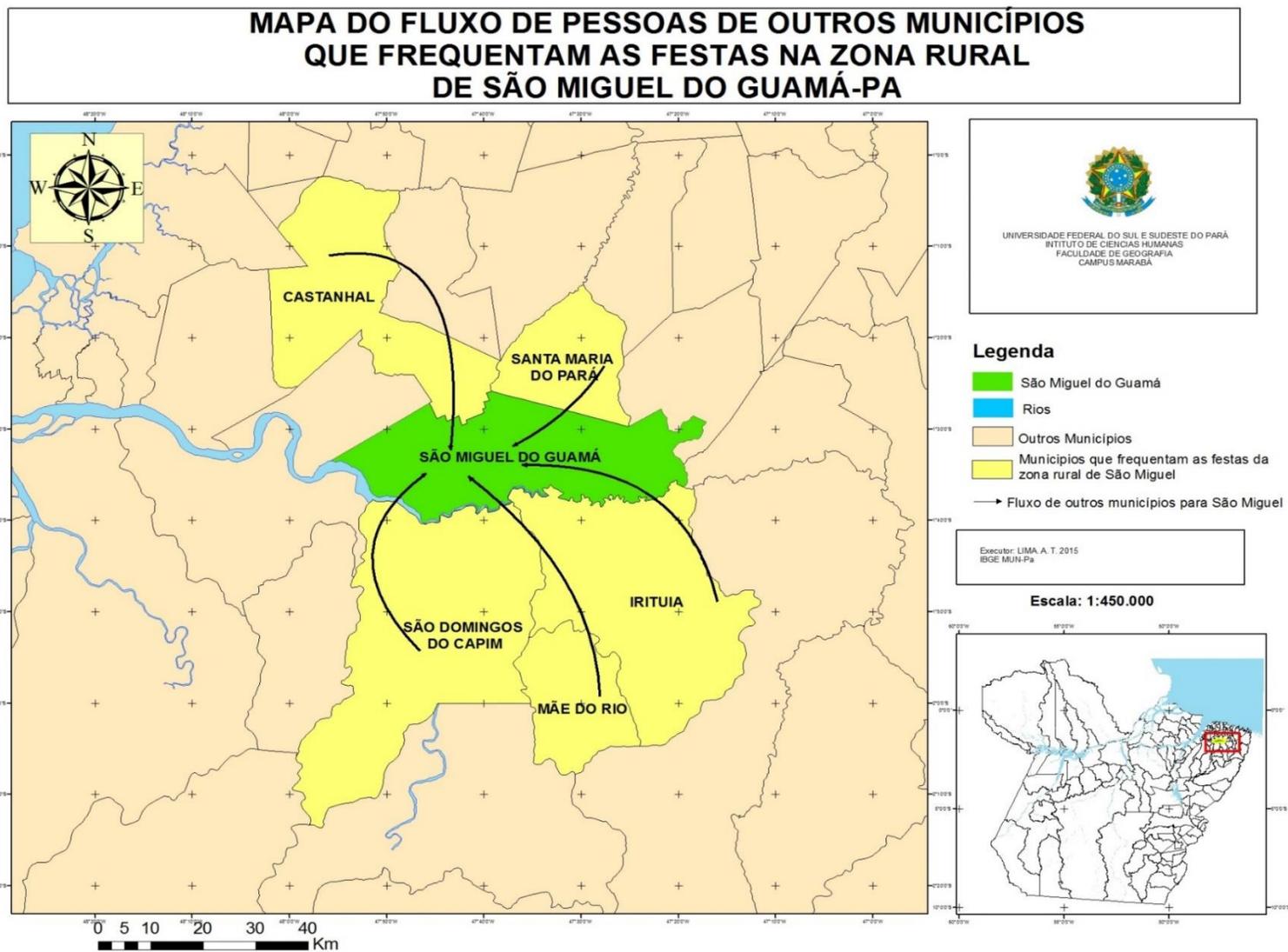
Figura 1: Terreirão do Tornado.

Fonte: LIMA, 2015.

Comentário: A figura mostra o Terreirão do Tornado, essa espacialidade não é uma regras mas geralmente, é o que se encontra.

Como mostra a figura 1 de como geralmente, são os terreirões. Este é o do Tornado que se diferencia dos demais pelo fato da casa do proprietário ser dentro do terreirão, na figura está localizado na lateral direita em frente da casa fica a mesa de som e em seguida as equipes, os banheiros ficam localizados ao fundo da figura um em cada lado, as barracas de cervejas e outras vendas ficam ao fundo e nas laterais do terreirão, na parte esquerda da imagem fica o portão de entrada e saída, a direita está a bilheteria onde são vendidos os ingressos e por toda a parte marrom é o espaço livre o público circular, dançar etc.

Geralmente, a espacialidade depende do grau de amizade que existente entre os participantes, já que existem pessoas de comunidades diferentes que ficam juntas, o que pode acontecer, por exemplo, com pessoas de municípios diferentes, uma vez que já foi identificado nas festas pessoas de Irituia, São Domingos do Capim, Castanhal, Santa Maria do Pará e Mãe do Rio se unirem para se divertirem, afirmando o quanto a aparelhagem é reconhecida. Como mostra o mapa abaixo.



Mapa 2: Mapa do fluxo de pessoas de outros municípios que frequentam as festas de brega na zona rural de São Miguel do Guamá.
Fonte: LIMA, 2015.

Por receber pessoas de outros municípios ou de outras comunidades é importante mencionar questões referentes à localização do público. Neste sentido, ficou evidente que não existe lugar específico para a dança, já que se trata de um terreirão onde existe apenas uma área cercada com pouca estrutura, diferente dos espaços de festas de São Miguel do Guamá, como é o caso da “Acrópole Clube”, casa de festa da aparelhagem Lailsom que constitui espaço murado com um ponto específico para os dançantes, mas que não se restringem a este ponto, pois, dançam em lugares aleatórios.

A presença do público de outros municípios está representada no gráfico abaixo que foi elaborado com dados colhidos durante a pesquisa e ressalta a quantidade de pessoas que vão as festas da zona rural de São Miguel do Guamá que são de outros municípios em um total de trezentas (300) pessoas que são distribuídos da seguinte forma.

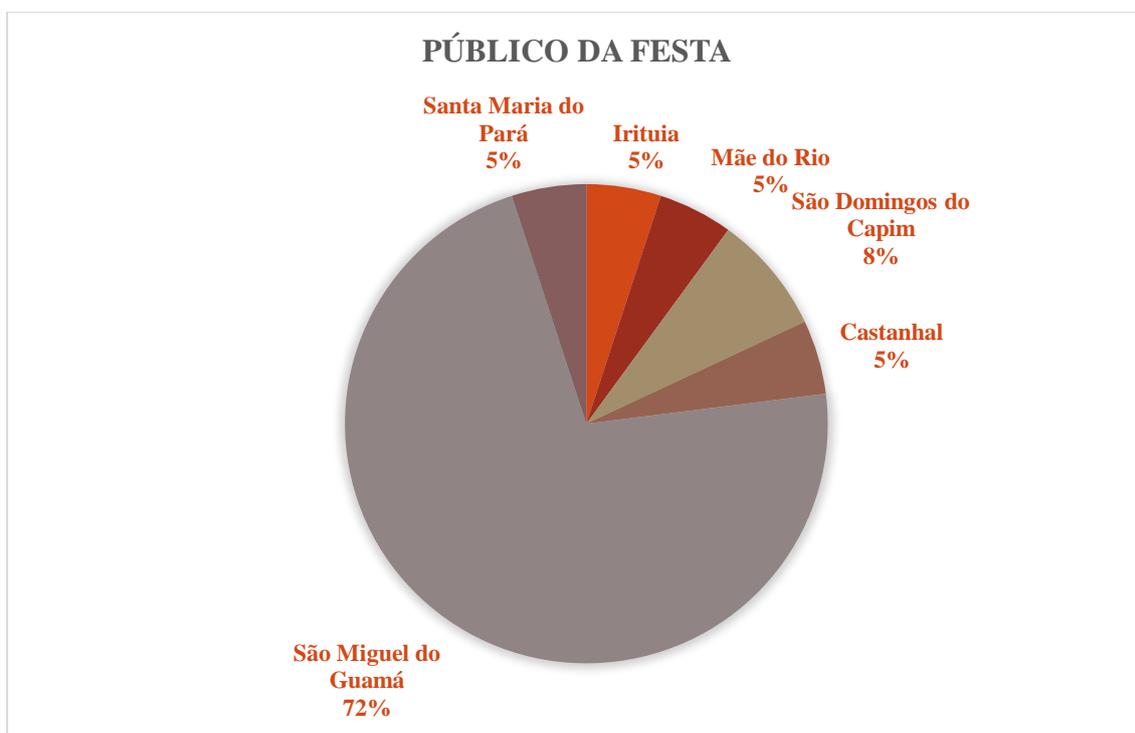


Gráfico 2: Pessoas de outros municípios que se deslocam à São Miguel do Guamá.

Fonte: LIMA, 2015.

Comentário: O gráfico mostra a quantidade de pessoas em porcentagem que são de outros municípios e de São Miguel que frequentam as festas na zona rural do município.

Percebe-se que a maioria 72% (setenta e dois) do público é do município de São Miguel e o restante são de municípios vizinhos que devido serem municípios relativamente próximos torná-se comum que o público esteja presente nas festas. Mesmo sendo de

comunidades diferentes, as pessoas optam por se territorializarem no terreirão a partir de suas próprias estratégias.

Escolher este ou aquele lugar específico para dançar ou beber leva a uma questão relevante na pesquisa, que era observar quais os fatores que levariam os frequentadores a escolher esta ou aquela festa, pois, houve uma festa que se diferenciou das demais, realizada no “terreirão do Cinzor” na comunidade do Ramal Boa Vista, haja vista, que estes terreirões são comuns na zona rural é um terreiro cercado com pedaços de madeira ou lona que funcionam como espaço para as festas, sendo compreendidos aqui como “territórios do brega” Costa (2009), territórios estes que são estabelecidos mediante a articulação entre os sujeitos.

Na cidade de São Miguel estes terreiros também estão presentes no mês de junho e os terreirões são formados a partir do fechamento das ruas para apresentação de quadrilhas, vendas de comidas e as aparelhagens são presença confirmada. Neste aspecto, as festas de brega na zona urbana de São Miguel e em sua zona rural são intensas o ano todo, adentrando também as festas carnavalescas o que demonstra a dimensão abrangida pelas festas de brega.

A festa realizada no terreirão do Cinzor foi divulgada por cerca de um mês de antecedência em uma emissora de rádio bastante conhecida do nordeste paraense, outra maneira de divulgar a festa foi colocando faixas em lugares estratégicos onde passam grande número de pessoas com o intuito mantê-las informadas sobre a festa, outra estratégia é passar carro de som nas comunidades anunciando data, local e principalmente o nome da aparelhagem, no sábado seria a festa na localidade, porém no domingo, havia a realização do bingo.

O bingo tornou um atrativo a mais para a presença das pessoas, pois, além dos que vão para as festas para dançar, há os que vão com o intuito de ganhar os prêmios, isso motiva a presença de um número maior de participantes a junção de bingo com festa de brega tem se tornado comum, o motivo é que se consegue abranger um público maior, pois, muitas famílias vão devido ao bingo.

Na foto abaixo permite identificar data, local, atrações e os prêmios do bingo. Esta faixa estava localizada em frente ao terreirão do Cinzor (onde a festa foi realizada) com informações básicas para manter o público informado e na parte inferior à direita da faixa está localizado o nome do principal patrocinador *a panificadora*. Contudo, divulgar antes e durante a festa quem são os patrocinadores acaba fazendo a publicidade do patrocinador e de seus estabelecimentos.



Foto 3: Faixa anunciando festa de brega.

Fonte: LIMA, 2015.

Comentário: As faixas dão informações precisas sobre a festa e também anunciam os principais patrocinadores e destacam o nome das aparelhagens.

A foto 3 mostra, a faixa anunciando que nos dias seis (6) e sete (7) de junho de 2015 foram os dias da festa. Ela está em frente ao Terreirão do Cinzor – o local da festa – e para demonstrar isto utilizam a expressão “aqui” à esquerda da imagem para que ao passar as pessoas vejam e já saibam o local. No canto inferior direito da imagem destaca o patrocinador da festa e próximo ao nome da aparelhagem principal, o Tornado, está com letras menores o nome de outra aparelhagem⁹ que também iria tocar na mesma festa. Estas faixas como a que está representada na foto 3 são comuns não somente no local da festa mas, espalhadas por diferentes pontos da zona rural com o intuito de divulgar a festa.

Dentro do terreirão no dia da festa mesmo com todas as barracas e a concentração do público no interior da festa, a atenção era para o comando das aparelhagens que fica ao fundo do terreiro, exatamente para conseguir chamar atenção de todos. A festa começou tocando ritmos lentos como o arrocha e bregas marcantes que são bregas considerados mais lentos, neste momento, as pessoas já ensaiam os primeiros passos da dança e à medida em que a festa avança,

⁹ Devido a qualidade da representação fotográfica quase não se percebe o nome da aparelhagem, jaguar que embora esta fosse de “fora”, ou seja, não pertence a comunidade do Ramal Boa Vista o destaque é para o Tornado que mesmo as pessoas estando habituadas a vê-lo tocando ele é utilizado para atrair o público, isso demonstra sua territorialidade estabelecida, tanto é que na parte central da faixa está o prêmio principal do bingo e o nome da aparelhagem Tornado.

os ritmos se diversificam, mas quando o DJ “solta” a batida do *melody*, o público reage com muita euforia, pois as pessoas gritam muito e fazem os gestos evidenciando o gosto pelo ritmo.

Durante a festa o DJ e proprietário da aparelhagem Tornado vai ao encontro do público cumprimentando, dando as boas vindas, conforme já havia mencionado em entrevista para este trabalho, isso evidencia que o público se sente bem nas festas, visto que a relação do público com o DJ não é somente no momento da festa.

Sobre estas relações que envolvem público é que Izaíra Thalita da Silva Lima em seu trabalho: “Eu não sou cachorro não”: a transformação do “brega” em arte com elementos de cinema no DVD de Waldick Soriano, onde a autora enfatiza as relações estabelecidas entre o cantor e o público, sendo que este não é visto somente como plateia, mas como “protagonista” que participa e reconhece as habilidades do cantor semelhante a isto é o que ocorre durante as festas de aparelhagens em que o DJ se remete ao público constantemente e este, por sua vez, responde através da dança, dos gestos e cantando as músicas.

Até o presente momento foi destacado as relações do DJ com o público e com os demais sujeitos antes e durante a festa, entretanto é importante ressaltar também as relações que se dão posterior a elas, na verdade o término de uma festa significa o início de outra, pois logo começam a organizar a próxima, ou seja, é um circuito de festas proposto por Costa (2009). Os sujeitos se articulam constantemente e esta articulação extrapola os limites da festa propriamente dita, envolvendo o cotidiano de quem vai às festas mostrando que elas não terminam, mas se recriam.

Além das relações do DJ com seu público, é relevante ressaltar a relação com as pessoas da comunidade do Ramal Boa Vista é positiva ao ponto de não encontrar resistência para a realização das festas, porém, existem festas religiosas onde se comemora a festividade da padroeira da comunidade Nossa Senhora de Fátima, realizada no mês de maio, que inicia com a missa e durante o dia tem vendas de comidas típicas e leilões. Neste dia destinado ao festejo da igreja, não se realizam festas de brega em respeito aos moradores da comunidade e às divindades religiosas deste povo, isto mostra que sua relação com a comunidade é de respeito.

Assim, as relações do DJ com a comunidade, com seu público, as músicas, as inovações tecnológicas na aparelhagem, as equipes que seguem as aparelhagens, as amizades, o gosto pelo trabalho, o público que se reconhecem nas letras das músicas, o ser bem recebido na festa são os principais elementos para as territorialidades das festas de brega naquela comunidade.

Mediante a tantos elementos que dão sentido as territorialidades é que se consegue compreender que tanto os territórios, quanto as territorialidades das festas de brega estão espacializadas na zona rural de São Miguel do Guamá, mas se apresentam tanto de forma material quanto imaterial.

Materialmente as festas de brega apresentam os territórios que estão explícitos na figura dos terreirões e outras denominações dadas aos territórios do brega, enquanto que imaterialmente estão territorialidades evidentes nas relações estabelecidas entre os sujeitos (sejam elas simbólicas ou não), nas estratégias das aparelhagens para atrair o público com inovações tecnológicas para fazer com que as pessoas sejam bem recebidas, reciprocidade entre o DJ e o público, nas letras de *melodys* que enfatizam o cotidiano quem as frequenta e nas relações de identidades.

Assim são nas ações dos sujeitos e nas influências dos bregas é que festas de brega é que são desenvolvidas as territorialidades das festas de brega na zona rural de São Miguel do Guamá-PA.

É O FIM DA FESTA

Agora, depois de cantar, dançar e ouvir muitos bregas o dia amanhece e algumas pessoas ainda estão embriagadas, as músicas vão sendo silenciadas isto significa que a festa chega ao “fim”. Contudo, as outras logo virão, pois o término de uma marca o início de outra, basta chegar o próximo fim de semana que a “galera” novamente se articula e procura se informar onde será a próxima batida e começa tudo novamente, mostrando que as festas materializam os territórios e as territorialidades do brega.

Em “Na Batida da Teoria sobre Território e Territorialidade” foram apresentados os conceitos de território e territorialidade, também foi constatado em “Território (s) e Territorialidade (s) das Festas de Brega” como historicamente como se construiu as territorialidades do brega sendo que os territórios são configurados mediante a ação dos sujeitos e em “É Hora da Festa”, foi feito uma análise das festas, dos sujeitos e das territorialidades sendo averiguado que as estratégias de fazer o público ficar à vontade nas festas ou “tocar o que o público quer ouvir”, inovando tecnologicamente na aparelhagem, a interação do DJ com o público, as letras das músicas que retratam o cotidiano de quem participa das festas, além das relações de amizades entre os sujeitos que, ao se articularem, são responsáveis pelas territorialidades das festas de brega territorialidades estas que se dão mediante as ações dos sujeitos.

Percebeu-se que as festas de brega se territorializam por meio da ação dos sujeitos que são os DJs que fazem o público ficar à vontade nas festas e levar o público a ter satisfação em prestigiar as festas, os donos de aparelhagens que buscam fazer os melhores contratos para as festa, as equipes que se territorializam por meio da dança, os vendedores ambulantes que montam suas barracas em lugares estratégicos para conseguir fazer suas vendas, o festeiro que é quem organiza com antecedência as festas e as divulgam através de placas anunciando a data da festa além de anunciar em rádios optam também pela *internet* e o público que como um todo evidencia tais territorialidades, esses são verdadeiros atores que possuem marcas expressivas e diferenciadas na construção das territorialidades das festas de brega na zona rural de São Miguel do Guamá.

Essas relações ficam evidentes no relato de alguns entrevistados “Gosto da festa no Ramal Boa Vista por que aqui todo mundo se conhece, dança e brinca junto, e mesmo com as brigas que ocorrem nas festas e tu pode ver que tem bastante gente de todo lugar, por isso que dá muita gente” constituindo justificativas do público que frequenta as festas, que seja, para “se

divertir”. Os motivos são inúmeros e os mais diferenciados possíveis, mas que durante as festas essas diferenças são suprimidas mediante do que possuem em comum – o gosto pelas festas de brega.

De estratégias, a questões de identidades é que as territorialidades das festas de brega na zona rural de São Miguel do Guamá acontecem, em meio às relações estabelecidas entre os sujeitos que tem como produto a festa de brega, que por sua vez, proporcionam aos participantes momentos de lazer, embalados pela batida do brega.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. B; HAESBAERT, R. (org.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro, p.135, 2007.

CARDOSO, D. da S; TURRA NETO, N. **Juventude, cidade e território: esboços de uma geografia da juventude**. Juiz de Fora: UFF, 2011.

COSTA, A. M. D. da **Festa na cidade: o circuito Bregueiro de Belém do Pará**. Belém: EDUEPA, 2009.

CLAVAL, P. “A volta do cultural” na geografia. **Revista Mercator**. Ceará, n.01. Ceará, p. 20-28,2002.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v.1, n. 3, 2º Semestre/1996.

GOMES, F. H. da S. **A política cultural e a música popular nos governos do PSDB: a produção e recepção do paraensismo pela SECULT/PA e por artistas, intelectuais, políticos e produtores culturais (1995-2006)**. 2003. 188f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

HAESBAERT, R. Ordenamento Territorial. **Boletim Goiano de Geografia**. v. 26, n.1, jan/jun. 2006.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

MAGNANI, J. G.C. **Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade - 3ª ed.- São Paulo: Hucitec/ UNESP, 2003.**

MORAES, A. C. R. **Ordenamento territorial: uma conceituação para o planejamento estratégico**, In: Oficina sobre a Política Nacional de ordenamento territorial: para pensar a Política Nacional de ordenamento territorial. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003.

TURRA NETO, N. Movimento *hip-hop* do mundo ao lugar: difusão e territorialização. **Revista de geografia**. v. 1, p. 1-11, 2013.

Polícia Civil de São Miguel de São Miguel do Guamá-PA, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RUCKERT, A. A. A Política nacional de ordenamento territorial: Uma política territorial contemporânea em construção. *Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociale*, Barcelona, Universidade de Barcelona, v. XI, n. 245, p.66, agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24566.htm>>[ISSN:1138-9788]. Acesso em: 12 mar. 2015.

SANTOS, F. J. da C. **Identidade e musicalidade brega**: a territorialidade do movimento bregueiro em Belém do Pará. 2009. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção - 4 ed. 5. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SEMMA, Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2015.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **REVISTA RA 'EGGA**. Curitiba, n. 7, p.79-85, 2003.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço, e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E; GOMES, P.C.C; CORREA, R.L.(org.). **Geografia: conceitos e temas**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio – espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AO DJ DA APARELHAGEM TORNADO

- 1- Nome completo e idade.
- 2- Há quanto tempo mora na comunidade do Ramal Boa vista?
- 3- Há quanto tempo trabalha com a aparelhagem Tornado?
- 4- Quantas festas ao mês você faz?
- 5- Além desta comunidade, você toca em outras?
- 6- O que a festa do Tornado representa para você?
- 7- O público que frequenta as festas do som Tornado é somente do município de São Miguel do Guamá?
- 8- Qual o passo-a-passo da festa?
- 9- Além das festas de brega você tem outra fonte de renda?
- 10- Você tem pretensão de expandir o negócio do brega?
- 11- Qual a sua relação com a comunidade?
- 12- Como é a relação com o público antes, durante e depois da festa?
- 13- Por que o nome Tornado?

APÊNDICE II

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO A INTEGRANTES DA EQUIPE “AS DANADINHAS DO TORNADO”

- 1- Nome completo.
- 2- Onde você mora?
- 3- Há quanto tempo frequenta as festas de brega?
- 4- Por qual motivo frequenta as festas de brega?
- 5- O que a festa de brega e/ou de aparelhagem representa para você?
- 6- No Terreirão do Tornado, durante a festa, existe um lugar específico para você ficar (ex.: em frente ao comando, próximo as caixas de som, no meio do terreirão e etc.)?
- 7- Que ritmo você mais gosta de ouvir durante a festa?
- 8- Quando e por quê surgiu “As danadinhas do Tornado”?
- 9- Você gosta das festas realizadas no Ramal Boa Vista? Por quê?
- 10- Como vocês ficam sabendo as datas e locais das festas do Tornado?
- 11- Qual a relação com o Dj antes, durante e depois da festa?
- 12- Além do Tornado você frequenta festa de outra aparelhagem? Qual?
- 13- O que a festa do Tornado representa para você?

APÊNDICE III

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FREQUENTADORES DA FESTA

1-Nome completo. Onde você mora?

- Comunidade Ramal Boa Vista
- em outra comunidade
- Cidade de São Miguel do Guamá
- outro município. Qual?

2-Há quanto tempo frequenta as festas de brega?

- de 3 a 6 meses
- de 6 meses a 1 ano
- 1 a 2 anos
- de 2 a 4 anos
- mais de 4 anos

3-Por qual motivo frequenta as festas de brega?

- gostar das festas
- beber
- dançar
- paquerar
- divertir
- outros

4-O que a festa de brega e/ou de aparelhagem representa para você?

- lazer
- encontro com os amigos
- entretenimento

5-Durante a festa existe um lugar específico para você ficar?

- em frente ao comando – mesa do som
- próximo às caixas de som

em lugares mais reservados

lugares mais centrais

6-Que ritmo você mais gosta de ouvir durante a festa?

forró

arrocha

brega *melody*

outros

APÊNDICE IV

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS MORADORES DA COMUNIDADE DO RAMAL BOA VISTA

- 1- Nome completo.
- 2- Há quanto tempo reside nesta comunidade?
- 3- Como se originou a comunidade?
- 4- Você frequentava as festas antigamente?
- 5- Como eram essas festas?
- 6- A parte sonora das festas eram de que jeito?
- 7- Como as aparelhagens chegaram às festas do Ramal Boa Vista?
- 8- Quais eram os principais ritmos que tocavam?
- 9- As danças (ou modo de dançar) de antigamente se diferencia das de hoje? De que forma?
- 10- Você acha que existem diferenças das festas de antigamente para as de hoje? Quais?

